

REVISTA

VIA SPIRITUS

PREGAÇÃO E ESPAÇOS
PENITENCIAIS

N.º16'09



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

VIDAS E ILUSTRAÇÕES DE SANTAS PENITENTES DESNUDAS, NO DESERTO E EM PEREGRINAÇÃO, NO *FLOS SANCTORUM* DE 1513

Já anteriormente me referi, nesta revista, ao *Flos Sanctorum em linguagem português*, editado a 15 de Março de 1513, em Lisboa, pela parceria Hermão de Campos e Roberto Rabelo (a seguir: *FSlp*.Lis.1513).¹ Dediquei-me então à análise da *Oração de Jesus no Horto*, colocada na primeira secção desta obra, a *Paixão*.² Nessa ocasião, referi também uma tradução castelhana do mesmo texto, que terá sido publicada pouco tempo antes.³

¹ *Via Spiritus*, nº 14 (2007), 66 e *passim*.

² Sobre as origens das ilustrações desta parte do *FSlp*.Lis.1513 fiz uma comunicação em Braga, no *IV Congresso Internacional de Cister em Portugal e na Galiza*, em 2 de Outubro de 2009. Devido ao número limitado de páginas admitido no artigo para as Actas, não pude enviar o texto desta comunicação para publicação.

³ Foi sobre as origens das ilustrações dessa obra em castelhano que me vi obrigado a escrever o artigo para as Actas do referido *IV Congresso Internacional de Cister em Portugal e na Galiza*, pelas razões aduzidas na nota anterior. Guarda-se na Biblioteca Britânica (*British Library*) (abrev. BL), em Londres, um exemplar com a tradução ilustrada da *Paixão de Cristo* do *Monotessaron* de Jean de Gerson para castelhano, cujas estampas já tinham sido descritas, em alemão (sem reproduções, mas com as dimensões), por Martin KURZ, no *Handbuch der iberischen Bildrucke des XV. Jahrhunderts*, Leipzig, Karl W. Hiersemann, 1931, 143, nº 295. Dez anos depois deste guia de Kurz, publicava Francisco VINDEL, em *El Arte Tipográfico en España durante el Siglo XV*, Madrid, Ministerio de Asuntos Exteriores – Dirección General de Relaciones Culturales, 1945-51, 8 vols., vol. VIII: *Dudosos de lugar de impresión, adiciones y correcciones a toda la obra*, 335-348, um facsimile deste exemplar da BL. Na altura da entrega do artigo para as Actas desse *IV Congresso Internacional...*, não tinha ainda contactado com a Biblioteca Pública de Boston (*Boston Public Library*) (abrev. BPL), onde se guarda outro exemplar com o mesmo texto em castelhano. Enquanto uns catálogos atribuem o exemplar de Boston à mesma edição que o de Londres, outros há que o põem em dúvida. Até hoje nenhum europeu que escreveu sobre o assunto viu o exemplar de Boston. Quero agradecer a Sean P. Casey, do *Rare Books & Manuscripts Department* da *Boston Public Library*, a gentileza de me ter enviado fotocópias de um texto da publicação *More Books: the Bulletin of the Boston Public Library*, 6th. Series, vol. XVII (1942), 416-420, que começou a projectar um raio de luz sobre o caso. Consultas posteriores a este bibliotecário e o envio da reprodução das estampas do exemplar londrino, levaram à confirmação de que se trata de uma variante editorial do mesmo texto, com o mesmo número de xilogravuras, mas estampadas uma só vez cada, ao contrário do que acontece no exemplar londrino, em que algumas das entalhaduras são impressas duas ou mais vezes, como indico no texto das Actas do referido *IV Congresso Internacional...*, no prelo. O exemplar da BPL acaba de ser colocado online, talvez devido às minhas consultas –<<http://www.archive.org/details/lapassondeleter00biel>>. O leitor interessado pode agora facilmente fazer o cotejo entre as duas versões.

Desta vez, apresento três lendas incluídas na primeira parte da segunda secção, o *Flos Sanctorum* propriamente dito. Esta secção está subdividida em duas partes: a primeira, a que Félix Cabasés⁴ chama «Ano Cristão»; e uma segunda, constituída pelas lendas «extravagantes».

O móbil para a abordagem da presente temática foi a tentativa de identificação de uma figura feminina deitada seminua, existente num fragmento de pintura mural recentemente descoberto na igreja de Nossa Senhora de Balsamão, em Chacim, concelho de Macedo de Cavaleiros, em Trás-os-Montes (fig. 1)⁵, durante as obras de restauro começadas a 14 de Abril de 2008.⁶

A 3ª sessão dos *Encontros de Literatura Medieval*, realizada no Centro de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 27 de Novembro de 2009, e em particular a conferência proferida por José Aragüés⁷, veio ao encontro de algumas hipóteses que já tinha formulado.

Como no anterior artigo publicado nesta revista, conjugo duas abordagens, uma relativa aos textos e outra, às ilustrações. Desta vez, como se trata de três textos, a secção relativa às ilustrações será subdividida em três, seguindo cada uma delas o texto da respectiva legenda.

O texto do *Flos Sanctorum* de 1513 será comparado com o de duas das edições sobreviventes em castelhano, precisamente as que, no estado actual das edições ecdóticas, foram publicadas antes e depois da versão portuguesa. Refiro-me à *Leyenda de los santos* da British Library (ca. 1499-1500) (a seguir: *Ls.Bur.1499*)⁸ e à *Leyenda de los santos (que vulgarmente Flos Sanctorum llaman)* de Loyola (ca. 1520-21) (a seguir: *Ls.Sev.1520-21*). Assim poder-se-ão apreciar os acrescentos introduzidos. Segui a divisão dos textos estabelecida por Félix Cabasés, traduzindo, de forma livre, os títulos-resumo por ele elaborados. Para mais fácil leitura, coloquei em itálico as secções de texto em discurso directo. Também coloquei em negrito as frases que quis destacar. Sublinhei, as notas inercalares explicativas de Cabasés, dentro de parêntesis rectos [].

⁴ Félix Juan CABASÉS S.J., na edição de: B. IACOPO da VARRAZZE O.P., *Leyenda de los Santos (que vulgarmente Flos Santorum llaman)*, Madrid, Universidad Pontificia de Comillas – Institutum Historicum Societatis Iesu (*MHSI*, series nova, 3), 2007 (ISBN 978-84-8468-225-7).

⁵ Agradeço a Basileu Pires, sacerdote da Congregação dos Marianos, o envio de fotografias das pinturas murais, tanto de quando foram descobertas (da sua autoria) como depois da intervenção de consolidação, limpeza e conservação de Joaquim Inácio Caetano (da autoria deste último). Agradeço também a Joaquim Caetano a permissão em publicar aqui duas dessas fotos da sua autoria, assim como informações complementares, enviadas por correio electrónico (*email*).

⁶ Notícia aparecida na página <http://www.brigantia.pt>, de 10 de Julho de 2008: <http://www.brigantia.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=631&Itemid=2>

⁷ José ARAGÜÉS ALDAZ (Universidad de Zaragoza), *La Leyenda de los Santos: Perspectivas de estudio*.

⁸ A tradução castelhana do relato da Paixão do *Monotessaron* de Jean de Gerson acima referida foi colocada antes deste texto, formando com ele um só volume.

No que diz respeito às ilustrações, debruçar-me-ei de modo particular sobre as estampas semelhantes às que ilustram o *FSlp*.Lis.1513, procurando estabelecer a sua possível origem noutras xilogravuras estampadas fora da Península Ibérica, mais precisamente em Lião do Ródano (*Lyon sur Rhône*), em França. Mas também procurarei na produção xilográfica alemã possíveis influências sobre a família de imagens lioneso-ibérica, e em especial sobre as ilustrações com traços *sui generis* do *FSlp*.Lis.1513.

Dentro de cada um dos três partados em que dividi este artigo, veremos as imagens, não só as que ilustram o texto português e os castelhanos com que o cotejei, mas todo um conjunto delas que foram estampadas na Península Ibérica. Citaremos ainda exemplos germânicos e lioneses relacionadas com estas, quer no que diz respeito à proveniência de matrizes ou modelos, quer ainda por causa de semelhanças ou elementos que nos ajudem a compreender pormenores nelas existentes.⁹

De modo particular, veremos, através tanto dos textos literários como dos iconográficos, como a nudez pode ser sinal de penitência.

Os livros analisados são os seguintes¹⁰:

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Leben der Heiligen*, Augsburg, Günther Zainer, 25 Outubro 1471 (*Winterzeit*); 27 Abril 1472 (*Sommerteil*). (abreviatura: *LdH*.Aug.1471-72)¹¹

⁹ Esta segunda parte do presente artigo vem na sequência do apartado com o mesmo tema na 3ª parte da minha tese de doutoramento em História da Arte: Fr. António-José de ALMEIDA, O.P., *IMAGENS DE PAPEL. «O Flos Sanctorum em linguagem português», de 1513, e as edições quincentistas do de Fr. Diogo do Rosário O.P. – A problemática da sua ilustração xilográfica*, Porto, Universidade do Porto – Faculdade de Letras, 2005 [ed. policopiada], 335-337 (Sta. Maria Madalena), 413-415 (Sta. Maria Egípcíaca) e 483-484 (Santos Coroados). Desenvolvo aqui a investigação que então encetei.

¹⁰ Quando exista reprodução completa das imagens estampadas, coloco em rodapé as referências aos álbuns ou aos URLs, onde elas se podem encontrar. Vejam-se os artigos publicados por José ARAGÜES ALDAZ, no que respeita às edições espanholas. *Tendencias y realizaciones en el campo de la Hagiografía en España (con algunos datos para el estudio de los legendarios hispánicos)*, in *Actas de XVIII Congreso de la Asociación de Archiveros de la Iglesia de España, (Orense, del 9 al 13 de septiembre e 2002)*, ed. Agustín HEVIA BALLINA, Oviedo, Asociación de Archiveros de la Iglesia en España, vol. I – *Memoria Ecclesiae*, XXIV (2004), 441-560; *Para el estudio del Flos Sanctorum Renascentista (I): la conformación de un género*, in *Homenaje a Henri Guerrero. La hagiografía entre historia y literatura en la España de la Edad Media y el Siglo de Oro*, ed. M. VITSE, Madrid, Iberoamericana, 2005, 97-147. À lista que este investigador apresenta, acrescento 3 exemplares, devidamente referenciados. Para as edições portuguesas, veja-se a minha tese de doutoramento em História da Arte, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Fr. António-José de ALMEIDA O.P., *IMAGENS DE PAPEL. «O Flos Sanctorum em linguagem português», de 1513, e as edições quincentistas do de Fr. Diogo do Rosário O.P. – A problemática da sua ilustração xilográfica*, Porto, 2005 [Texto policopiado], esp. 65-191, com descrição das imagens e sua reprodução (em formato reduzido). Espero a oportunidade de poder publicar álbuns com as imagens elencadas.

¹¹ Albert SCHRAMM, *Der Bilderschmuck der Frühdrucke* (begründet von Albert Schramm, fortgeführt von der Kommission für den Gesamtkatalog der Wiegendrucke), Leipzig, 1920-1923 + Stuttgart, Hiersemann, 1924-1943 (a seguir, a abreviatura: Schramm), vol.2, nos. 1-128; Walter L. STRAUSS (ed. geral), *The Illustrated Bartsch*, [New York], Abaris Books, <© 1979-2001> (a seguir, a abreviatura: TIB), vol.80, 62-76.

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Leben der Heiligen*, Augsburg, Johann Bämmler, 20 Março 1475 (*Winterteil*); 12 Agosto 1475 (*Sommerteil*). (abreviatura: *LdH.Aug.1475*)¹²

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Leben der Heiligen. Sommer – und Winterteil*, Nürnberg, Johann Sensenschmidt, 28 Julho 1475. (abreviatura: *LdH.Nür.1475*)¹³

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Légende dorée*, Lyon sur le Rosne, Nicolas Philippe et Marc Reynaud, [1477-78]. (abreviatura: *Ld.Lyo.1477-78*)¹⁴

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Leben der Heiligen. Winter- und Sommerteil*, Urach, Conrad Fyner, 12 Novembro 1481. (abreviatura: *LdH.Ura.1481*)¹⁵

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Leben der Heiligen. Winter- und Sommerteil*, Reutlingen, Johann Otmar, 12 Março 1482. (abreviatura: *LdH.Reu.1482*)¹⁶

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Leben der Heiligen. Sommerteil*, Augsburg, Johann Schönsperger, 2 Dezembro 1482. (abreviatura: *LdH.Aug.1482*)¹⁷

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Légende dorée*, Lyon, Mathieu Husz & Pierre Hongre, 1483 [e 1484]. (abreviatura: *Ld.Lyo.1483*)¹⁸

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Leben der Heiligen*, Augsburg, Johann Schönsperger, 10 Janeiro 1485 (*Winterteil*); 8 Junho 1475 (*Sommerteil*). (abreviatura: *LdH.Aug.1485*)¹⁹

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Leben der Heiligen*, Köln, Ludwig von Renchen, 21 Julho 1485 (1. Teil); 31 Outubro 1485 (2. Teil). (abreviatura: *LdH.Köl.1485*)²⁰

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Legenda aurea sanctorum*, Lyon, Mathias Huss, 20 Julho 1486. (abreviatura: *LaS.Lyo.1486*)²¹

¹² Schramm, vol. 3, nos. 229-354; TIB, vol.80, 258-286.

¹³ Schramm, vol.18, nos. 12-117; TIB, vol.80, 367-404.

¹⁴ <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k111287q.image.r=voragine.langPT.f10.vignettesnaviguer>>.

¹⁵ Schramm, vol. 9, nos. 63-279; TIB vol. 83, pp. 71-97; <http://inkunabeln.digitale-sammlungen.de/Exemplar_H-16.1.html>.

¹⁶ Schramm, vol. 9, nos. 686-805 (*Winterteil*); TIB, vol.83, 370-391 (*Winter- und Sommerteil*).

¹⁷ TIB, vol.83, 464-484.

¹⁸ <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k52514j.image.r=voragine.langPT.f5.vignettesnaviguer>>.

¹⁹ TIB, vol.85, 143-165.

²⁰ Schramm, vol. 8, nos. 544-691; TIB vol. 85, pp. 123-141.

²¹ Estampas aguareladas (<<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/btv1b2200010q>>).

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Heiligenleben*. Sommer teil, Augsburg, Anton Sorg, 1 Agosto 1486. (abreviatura: *LdH.Aug.1486*)²²

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Leben der Heiligen*, Augsburg, Johann Schönsperger, 3 Julho 1487 (*Winterteil*); 31 Agosto 1487 (*Sommerteil*). (abreviatura: *LdH.Aug.1487*)²³

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Legenda aurea sanctorum*, Lyon, Mathias Huss, 20 Julho 1487. (abreviatura: *LaS.Lyo.1487*)²⁴

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Leben der Heiligen. Sommer- und Winterteil*, Lübeck, Steffen Arndes, 23 Junho 1488. (abreviatura: *LdH.Lüb.1488*)²⁵

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Heiligenleben*, Augsburg, Anton Sorg, 24 Novembro 1488 (*Winterteil*); 4 Dezembro 1488 (*Sommerteil*). (abreviatura: *LdH.Aug.1488*)²⁶

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Leben der Heiligen*, Nürnberg, Anton Koberger, 5 Dezembro 1488. (abreviatura: *LdH.Nür.1488*)²⁷

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), [*Flos sanctorum romançat*], [Lyon, Johannes Trechsel?, ca. 1490-94?]. (abreviatura: *FsR.Lyo.1490*)

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Flos sanctorum romançat*, Barcelona, Joan Rosenbach, 1 Fevereiro 1494. (abreviatura: *FsR.Bar.1494*)²⁸

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Leben der Heiligen*: Sommer teil, Augsburg, Johann Schönsperger, 17 Julho 1494. (abreviatura: *LdH.Aug.1494*)²⁹

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Leyenda de los Santos*, [Burgos, Juan de Burgos, ca. 1497 ou 1499-1500]. – (texto). (abreviatura: *Ls.Bur.1499*)³⁰

²² Schramm, vol. 4, nos. 2410, 2414-2515; TIB vol. 85, 305-316.

²³ TIB, vol.86, 55-57.

²⁴ Exemplar incompleto: <http://bibliotecadigitalhispanica.bne.es/R/AATCIKDB78614G6SFT3HHR-18NJK95U3EUJVRG39B7VVIXBQGV-06241?func=results-jump-full&set_entry=000009&set_number=000030&base=GEN01>.

²⁵ Schramm, vol. 11, nos. 1-222; TIB, vol. 86, 88-113.

²⁶ Schramm, vol. 4, nos. 2516-2737; TIB vol. 86, 342-366.

²⁷ Schramm, vol. 17, nos. 56-314; TIB, vol. 86, 153-240; <<http://daten.digitale-sammlungen.de/~db/0002/bsb00027260/images/>>.

²⁸ <http://bibliotecadigitalhispanica.bne.es/view/action/singleViewer.do?dvs=1248469475339~84&locale=pt&search_terms=LEGENDA%20AUREA&adjacency=N&application=DIGITOO-3&frameId=1&usePid1=true&usePid2=true>.

²⁹ <<http://daten.digitale-sammlungen.de/~db/0002/bsb00027721/images/index.html?seite=4>>

³⁰ Agradeço a Cristina Sobral o ter-me facultado fotocópias desta obra.

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Flos sanctorum em linguagem português*, Lisboa, Hermão de Campos & Roberto Rabelo, 15 Março 1513. – texto. (abreviatura: *FSlp.Lis.1513*)³¹

Fr. Gonzalo de OCAÑA O.S.H., *Flos sanctorum*, Zaragoza, Jorge Coci, 26 Abril 1516. (abreviatura: *Fs.Zar.1516*)

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Leyenda de los Santos*, [Sevilla, Juan de Varela, ca. 1520-21]. – (texto). (abreviatura: *Ls.Sev.1520-21*)³²

Fr. Pedro de la VEGA O.S.H., *Flos sanctorum*, Zaragoza, Jorge Coci, 25 Set. 1521 (Iª parte) - 25 Jan. 1533 (IIª parte). (abreviatura: *Fs.Zar.1521-33*)³³

Fr. Pedro de la VEGA O.S.H., *Flos sanctorum*, Sevilla, Juan Cromberger, 1540. (abreviatura: *Fs.Sev.1540*)³⁴

Fr. Pedro de la VEGA O.S.H., *Flos sanctorum*, Zaragoza, Jorge Coci, 1541. (abreviatura: *Fs.Zar.1541*)³⁵

Fr. Pedro de la VEGA O.S.H., *Flos sanctorum*, Zaragoza, Bartolomé de Nágera, 1548. (abreviatura: *Fs.Zar.1548*)

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Leyenda de los Santos*, Toledo, Juan Ferrer, 1554. (abreviatura: *Ls.Tol.1554*)³⁶

Fr. Pedro de la VEGA O.S.H., *Flos sanctorum*, Alcalá de Henares, Juan de Brocar, 20 Outubro 1558. (abreviatura: *Fs.Alc.1558*)³⁷

³¹ <<http://purl.pt/12097/4/>>.

³² Félix Juan CABASÉS S.J., edição de: B. IACOPO da VARRAZZE O.P., *Leyenda de los Santos (que vulgarmente Flos Santorum llaman)*.

³³ Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (abrev. BGUC): J.F.-Gabinete-4-9. Faltam os fólhos iniciais, incluindo a folha-de-rostro, e os fólhos CCI e CCII. Título na base de dados: [Epistola prohemial / de fray Pedro de la Vega...en el libro que es intitulado vida de nuestro redemptor Jesu Christo y de sus santos]. Edição internacionalmente desconhecida, mas referida no *Catálogo da Biblioteca, I - Sécs. XV-XVII*, Coimbra, Liceu Normal de D. João III, 1969, *Séc. XVI*, 80, nº 291. Completei os dados fornecidos por esta obra, fruto da observação pessoal do exemplar.

³⁴ Biblioteca Nacional de España, Madrid (abrev. BnE): R/13032 – Proveniência: «Da Companhia de Jesus Collegio de Portalegre Livraria Publica» (indicação a tinta, ao fundo do fólio xv r., o 2º deste exemplar).

³⁵ O exemplar da BnP, Lisboa: RES. 848 A., contém no f. 448 vº, ao fundo, a tinta, a seguinte informação de proveniência: «Liuro da Cartuxa de Sacla caeli de... Rmo. Sr. D. Theotonio de Bragança Arcebispo de Ebra fundador da mesma casa lhes fes doação.»

³⁶ Agradeço o envio das páginas desta obra relacionadas com o presente trabalho por parte de José Aragüés. Consulta online em: <<http://daten.digitale-sammlungen.de/~db/bsb00001412/images/>>.

³⁷ Reprodução da maior parte das estampas deste livro em: María Ángeles SANTOS QUER, *La Ilustración en los Libros de la Imprenta de Alcalá en el siglo XVI. Introducción y catálogo*, Madrid, Fundación Universitaria

Fr. Pedro de la VEGA O.S.H., *Flos sanctorum*, Alcalá de Henares, Andrés Angulo, 1566. (abreviatura: *Fs.Alc.1566*)³⁸

Fr. Diogo do ROSÁRIO O.P., *História...dos Santos*, Braga, António de Mariz, 1567. (abreviatura: *Hs.Bra.1567*)³⁹

Fr. Iacopo da VARAZZE O.P. (e.a.), *Leyenda de los Santos*, Sevilla, Juan Gutiérrez, 1568. (abreviatura: *Ls.Sev.1568*)

Fr. Pedro de la VEGA O.S.H., *Flos sanctorum*, Sevilla, Juan Gutiérrez, 1568-69. (abreviatura: *Fs.Sev.1568-69*)

Fr. Pedro de la VEGA O.S.H., *Flos sanctorum*, Sevilla, Juan Gutiérrez, 1572. (abreviatura: *Fs.Sev.1572*)

Fr. Diogo do ROSÁRIO O.P., *História...dos Santos*, Coimbra, António de Mariz, 1577. (abreviatura: *Hs.Coi.1577*)

Fr. Pedro de la VEGA O.S.H., *Flos sanctorum*, Medina del Campo, [Francisco del Canto], 1578. (abreviatura: *Fs.Med.1578*)⁴⁰

Fr. Pedro de la VEGA O.S.H., *Flos sanctorum*, Sevilla, Fernando Díaz, 1580. (abreviatura: *Fs.Sev.1580*)

Alonso de VILLEGAS, *Flos Sanctorum*, Iª Parte. Zaragoza, Simón de Portinariis, 1585. (abreviatura: *FsVill.Zar.1585*)

Fr. Diogo do ROSÁRIO O.P., *História...dos Santos*, Lisboa, António Ribeiro, 1585. (abreviatura: *Hs.Lis.1585*)

Fr. Diogo do ROSÁRIO O.P., *Flos Sanctorum...* Lisboa, Baltasar Ribeiro, 1590. (abreviatura: *FsRos.Lis.1590*)

Española, 2003 (ISBN 84-7392-524-6), 564-573, figs. 228-300.

³⁸ Exemplar único conservado em biblioteca privada, dado a conhecer por Marta CASTILLO BAROJA, *Estudio de los grabados «Flos sanctorum» de Pedro de la Vega (Alcalá: Andrés Angulo, 1566): un ensayo de catalogación de contenidos iconográficos*, Salamanca, Universidad de Salamanca - Facultad de Traducción y Documentación, 1995 (Memoria de diplomatura). Reproduz todas as estampas deste livro, as quais são as mesmas da edição anterior (1558), embora lhe faltem algumas, mercê de o referido exemplar se encontrar truncado.

³⁹ 20 estampas deste livro foram reproduzidas em D. MANUEL II (rei de Portugal), *Livros Antigos Portugueses – 1489-1600 – da Biblioteca de Sua Majestade Fidelíssima*, London, Maggs Bros, 1929-1935 (reedição anastática: Braga, APPACDM, 1995), vol. III, (Suplemento), 717-720.

⁴⁰ Agradeço o envio das páginas desta obra com imagens relacionadas com o presente trabalho por parte de José Aragüés.

1. Santas no deserto:

Já anteriormente se falou nesta revista das duas santas mulheres que se tornaram o símbolo do eremitismo – Santa Maria Madalena e Santa Maria Egipcíaca⁴¹. Aqui trancreverei somente o texto do *Flos Sanctorum* de 1513 (*FSLp.Lis.1513*)⁴² a respeito de cada uma delas, acompanhado de alguns poucos comentários em ordem à secção dedicada à ilustração das suas lendas, que é o objecto principal do presente artigo.

1.1. *Santa Maria Egipcíaca* (*ca.344 - †421)⁴³

1.1.1. O texto:

Maria era uma meretriz de Alexandria, que se converte à porta da Basílica do Santo Sepulcro em Jerusalém e vai para o deserto realizar a penitência dos seus maus hábitos. O texto de Fra Iacopo da Varazze O.P. (*ca.1228 - †1298) é uma versão muito abreviada da vida da Santa escrita por S. Sofrónio I de Jerusalém (*ca.550/60 - †638)⁴⁴.

(1.) [O abade Zózimo encontra Maria no deserto]⁴⁵

«[f. 56 d] [S]Anta maria de egypto que era dita molher muy pecadora viueo em o deserto quorêta & seis ânos & hũ abade que chamauã zozimas

⁴¹ Maria Isabel BARBEITO CARNEIRO, *Mujeres eremitas y penitentes. Realidad y ficción*, in *Via spiritus* 9 (2002) 185-215. esp. «II Las dos mujeres símbolo del eremitismo», 191-199; «II.1. María Magdalena», 191-196; «II. 2. María Egipcíaca», 197-199 – <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3480.pdf>>. Ver também: Ana Maria [e Silva] MACHADO, *A representação do pecado na hagiografia medieval: heranças de uma espiritualidade eremítica*, Coimbra: [s.n.], 2006 [Documento electrónico] (Tese de doutoramento em Línguas e Literaturas Modernas, especialidade Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), 2006, *Cap. V – As Vidas de Santas penitentes e o diálogo da luxúria: Mª Egipcíaca*, 547-562 (protagoniza o tipo da prostituta-penitente, 547) e Mª Madalena, 562-583; Carlos Alberto VEGA, *El transformismo religioso. La abnegación sexual de la mujer en la España medieval*, Madrid, Pliegos, © 2008, D.L. 2009 (ISBN 978-84-96045-62-0), esp. 24 (est.2: «Santa María Magdalena»), 51(est.3: «Santa María Egipcíaca»), 182-200: «Las Santas velludas: la dialéctica entre narrativa e iconografía».

⁴² Salvo no caso do terceiro texto, em que faltam as primeiras páginas este exemplar, pelo que as reconstruo, transcrevendo o texto em castelhano que figura na *Ls.Bur.1499*.

⁴³ Sobre esta Santa ver: Ana Maria e Silva MACHADO, *Tradição, movência e exemplaridade na vida de Santa Maria Egipcíaca: subsídios para o estudo da hagiografia medieval portuguesa* Coimbra, [s.n.], 1988 [Texto policopiado] (Tese de mestrado em Literatura Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), esp. 102-137; Cristina Maria Matias SOBRAL, *Santa Maria Egipcíaca em Alcoçaba: edição crítica das versões medievais portuguesas da lenda de Maria Egipcíaca*, Lisboa, [Colibri], 1991 (Tese de mestrado em Literatura Portuguesa, apresentada ao Departamento de Literaturas Românicas, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

⁴⁴ Ver o texto completo, lido, no Rito Bizantino, durante o ofício do Grande Cãnon de Santo André de Creta, na quinta-feira da quarta semana da Grande Quaresma. – <<http://www.pagesorthodoxes.net/saints/marie-egyptienne.htm#mir>>, ou <http://orthodoxie.typepad.com/files/sophrone_vie_de_ste_marie_leygyptienne.pdf>. (traduções em francês).

⁴⁵ Divisão e títulos de Félix Juan CABASÉS, S.J., na edição de: B. IACOPO da VARRAZZE, O.P., *Leyenda de los Santos (que vulgarmente Flos Santorum llaman)*. Os títulos foram traduzidos por mim.

nõ podêdo passar o rio de jordã⁴⁶ foyse pera huũ grãde hermo⁴⁷ a ver se por vêtura pode[f. 57 a, est. (77x69 mm.) (Fig.4)]ria passar por ally: ou se acharia alguũ scõ homê: & vio hũa cousa negra & ádaua espijda & queymada da quêtura do sol: & logo zozimas começou d' correr de pos ella muy aa pressa. & ella disse. *zozimas porque me persegues: perdoame porque eu nõ te posso ver sem vergõha porque sõ molher & estou nuua mas dame ho teu manto cõ que me cubra porque te possa veer sem vergõha.* & elle ouuïdo esto ouue medo & deulhe o mãto⁴⁸ & lâçouse a seus pees d'lla: & rogoulhe que lhe desse a sua bêçã & ella disse. *padre tu me deues dar a tua porque es sacerdote.*⁴⁹ & elle veêdo que sabia seu nome & seu officio marauilhouse muyto: & rogualhe afincadamête [= com empenho] que o bêzesse: & ella disse. *bêto seja d's que remio nossas almas.* & ella alçãdo as mãos ao çeeo & rogãdo a d's vioa alçar huũ couado da terra & o velho⁵⁰ duuidouse por vêtura era diabo⁵¹ & fazia oraçõ & ella disse. *perdoete d's que cuidas que soõ diabo & som malher[sic].»*

(2.) [Maria começa a contar a sua vida a Zózimo: Mulher pública que compra com o corpo a passagem para Jerusalém]
«E entõ zozimas conjurou por d's que disesse sua vida: & disse ella. *perdoame padre que se eu te cõtãr miha fazêda [= caso] espãtartea de my & fugiras d' my como de serpête & as tuas orações se espãtariã com as minhas palauras & cõ minhas çugidades. pero dirtey[sic] minha fazêda porque vejas quãto ama d's aos pecadores. primeiramête eu naçi no egypto: & auêdo doze ãnos vimme a alexãdria. & .xvij. ãnos andey no mûdo como molher publica & nõca foy homê que eno meu corpo negasse cõprindo os deleytos [f. 57 b] maaos da carne. & eu estando em alexãdria vy huũs*

⁴⁶ Tanto na estampa do *FSlp*.Lis.1513 como nas da *Ls*.Bur.1499 ou da *Ls*.Sev.1520-21, como nas das outras edições da *Legenda aurea* que vi, quer lionesas quer ibéricas, não se vê nenhum rio. Este aparece sim nas estampas alemãs e suas cópias ibéricas posteriores.

⁴⁷ O contraste, entre a zona de floresta densa de onde o abade Zózimo provém e a zona árida do outro lado do rio, é bem patente nas estampas germânicas.

⁴⁸ Umã imagem ilustrativa parece referir-se ao momento do diálogo antes do monge lançar a capa à Santa. Na verdade, a Santa, de costas voltadas para o monge, só volta a cabeça na direcção dele. Ela cobre muitas vezes a zona pública com uma das mãos e faz um gesto de aviso com a outra, ou tapa com esta última um dos seios. Porém, raramente o monge traz manto, contrariando o texto literário. Habitualmente, ele enverga uma cogula, veste coral, ou túnica com capelo.

⁴⁹ Trata-se, pois, de um hieromonge, i.e monge ordenado sacerdote.

⁵⁰ Contradição com a imagem, que mostra um frade novo.

⁵¹ A levitação é, pois, um sinal contraditório. Muitas estampas, entre as quais a do *FSlp*.Lis.1513, parece referir-se a este momento, dado a Santa ter as mãos juntas sobre o peito, em contradição com o texto literário, mas em consonância com as imagens da Assunção de N^{ra}S^a e da Elevação de Sta. M^a Madalena, como veremos. A atitude do monge, com as mãos abertas, nessas mesmas estampas pode interpretar-se como sinal de espanto.

homês que entráu em huia naue pera hyr a jherusalê em romaria: & roqueylhes muy afficadamête que me deixassem hir la. E pedindome o marinheiro que lhe desse algũa cousa por que me leuasse na naue asi como os outros & eu lhe disse. jrmão nõ tẽho que vos dar senõ este meu corpo: & assi me reçoerberom na naue. ca por o nauio ouuerõ meu corpo.»

(3.) [Não pode entrar para adorar a cruz e arrepende-se diante de uma imagem da Virgem, promtendo-lhe abandonar o mundo]

«E quando cheguey a jheruslê vym aa porta da ygreja cõ os outros pera adorar a cruz: & nõ veẽdo quẽ o fazia empuxauame & nom me deixaua entrar dẽtro: & esto prouey tres vezes & nõ pude entrar dentro: & os outros todos entráu dẽtro sem embargo alguũ. E eu quãdo esto vy começoey a chorar & ferir meos pectos: & olhey & vy estar fora da ygreja hũa ymagẽ de scã maria: & [sic] começoey a derogar cõ muytas lagrimas que me guanhasse perdõ de meus pecados & que me deixasse adorar a cruz: & prometylhe de deseparar [= abandonar] o mũdo & que viuiria ã castidade.»

(4.) [Adora a cruz, compra três pães, uma voz diz-lhe que atravesse o Jordão, fá-lo, e está ali 47 anos, primeiro tentada durante 17 anos, e depois em paz]

«E acabada minha oraçõ leuãteyme: & foyme pera as portas da ygreja & emtrey cõ os outros dẽtro & adorey a scã vera cruz: & deume huũ homẽ tres dinheiros: & comprey tres pães:⁵² & ouuy huia voz que me disse se passares a [sic] jordã seras salua: & logo passey o rio jordã⁵³ & vymme a este deserto onde morey quorõta & sete ãnos⁵⁴ que nõca vy homẽ do mundo: & aquelles tres pães que trouxe comigo endureçerõ assi como pedra: & durarõme dez & sete ãnos comẽdo d'lles pouco & pouco. & as minhas vestiduras grãde tẽpo que som perdidas. & em os .xvij. ãnos primeiros fuy aqui tentada da carne. mas ja grande tẽpo ha que nõ

⁵² Os três pães serão o atributo iconográfico de Santa Maria Egípcíaca, nas suas representações icônicas. Ver, v.g., a estátua da Santa na fachada da igreja de *Saint Germain l'Auxerrois*, em Paris (França): <<http://www.panoramio.com/photo/19045422>>.

⁵³ Não sem antes se deter, segundo S. Sofrônio, na igreja de S. João Baptista, erigida no local do Baptismo do Senhor, onde a Egípcíaca reza e logo desce ao Jordão onde banha o rosto e as mãos lavando-se de seus pecados nas suas águas santificadas pela imersão nelas do sagrado corpo do Salvador. Depois recebe a Sagrada Comunhão na igreja do Precursor. Nesta narrativa abreviada, salta-se esse episódio, que nos será útil na hora de interpretar o fresco de Balsamão.

⁵⁴ 12+17+46/47=75 ou 76 anos tinha então a Santa. Ora, em contradição com este dado, ela parece sempre como uma jovem nas imagens.

*som: nẽ soffro tentaçom nenhũa: ante tomo grande alegria cõ os anjos:⁵⁵
& rogote que rogues d's por my. E zozimas quádo esto ouuiu louuou a
d's pllo [sic] que ouuira d'sta sua serua.»*

(5.) [A pedido de Maria, Zózimo ao fim de um ano leva-lhe a comunhão. Maria pede-lhe que volte no ano seguinte]

& disse ella. *rogote que a quinta feyra da çeea que venhas ca: & traze o corpo de d's: & vijnyrey a ty & o tomarey da tua mão: ca depois que aqu vym nunca comũguey. E zozimas tornou-se a seu moesteiro. & a cabo de huũ año quádo veo a quinta feyra da çeea tomou o corpo de d's & veo aa ribeyra do rio: & vio da ou[f. 57 c]tra parte hũa molher fazendo o signal da cruz. E andou a molher sobre as hondas do rio atee que chegou ao velho. E elle quando esto vio marauilhouse muyto & deitou-se na terra & quis-lhe beyjar has mãos & os pees com grãde humildade: & disse ella. *olha nõ faças por que teẽs o corpo de d's contijgo & es sacerdote: & rogote padre que no outro año que queyras tornar a visitarme:* & ella comũgou logo & fez ho signal da cruz & passou o rio como primeiro pera o hermo. E o velho tornou-se a seu moesteyro:*

(6.) [Volta Zózimo e encontra-a morta. Uma mensagem escrita indica-lhe a data da morte e que a enterre]

& veo o outro año a aquelle mesmo lugar. & achou-a morta & começou de chorar: & nõ ousou de ha tocar: & disse antresy: *eu que farey deste corpo. enterraloya & ey medo que lhe pese.* & cuydãdo esto: vio aa sua cabeça letras de ouro escriptas que deziã assy. *zozimas enterra ho corpo de maria. & da o poo aa terra: & roga a d's por my que me mandou sabir deste mũdo ho segundo dia de abril: emtõ cõheçeo ho velho que quádo tomou ho corpo de d's & se tornou ao deserto que logo se ella sayo deste mundo: & o deserto que andou zozimas em trinta dias todo o ella ádou em huũ:*

(7.) [Um leão cava a sepultura, e Zózimo enterra-a]⁵⁶

& querêdo o velho cauar a terra pera fazer a coua nõ podia. mas vyo huũ lyom que se vinha a elle muy máso: & dise [sic] zozimas ao lyõ. *mãdote da parte de d's que caues a coua pera emterrar esta molher: que eu nõ posso cauar que som velho & nõ tenho com que.* E logo o

⁵⁵ Ponto de contacto com a vida de Maria Madalena no ermo, como veremos.

⁵⁶ A este episódio se refere uma imagem que ilustra uma edição castelhana deste texto (*Ls. Sev. 1568, f. 56 d*) e em algumas edições do *Flos Sanctorum* de Fr. Pedro de la Vega O.S.H., como veremos adiante.

lyô começou a cauar a coua: & quando a acabou foyses seu caminho como cordeiro m̃aso. E o velho lououo o nome de d's & tornou se pera seu⁵⁷ moesteiro.»

O texto é o mesmo nas três edições cotejadas.

1.1.2. As ilustrações:

A origem próxima da nossa ilustração (fig. 4) parece estar numa xilogravura estampada na edição da *Legenda aurea* acabada de imprimir a 20 de Julho de 1486, na cidade francesa de Lião (*Lyon*), por Mathias Huss ou Huzs (*LaS. Lyo.1486*), ilustrando a legenda 54 (ver fig. 2). Nela se vê um santo frade, envergando um hábito semelhante ao dos Frades Menores, com o capuz sobre a cabeça, encontrando-se com uma santa mulher nua, com as costas voltadas para ele, só virando a cabeça na direcção do santo homem. Este enverga uma túnica cingida por uma corda e um capelo por cima; a ela cai-lhe comprida cabeleira pelos ombros. Numa paisagem formada por três montículos, vê-se no do meio uma alta árvore com três copas, separando visualmente os dois seres humanos. Enquanto a santa tem as mãos juntas, ao jeito de oração, o santo tem-nas um pouco afastadas, como que espantado.

A mesma entalhadura foi reestampada na Península ibérica, em Barcelona, na edição da mesma obra na sua tradução em catalão, saída dos prelos de Joan Rosenbach, a 1 de Fevereiro de 1494 (*FsR.Bar.1494*, f. CXXIII [sic, aliás 104] *a*) (fig. 2).

Esta xilogravura parece-nos que terá influenciado directamente uma série delas que surgem em outras obras e aparentadas entre si. Refiro-me à que encontramos na edição em castelhano da mesma obra, cujo único exemplar que chegou até nós se conserva na British Library (BL), em Londres (*Ls.Bur.1499*, f. 74 *c*) (fig.3), mas sem dados tipográficos; à que ilustra edição em português do mesmo texto, impressa em Lisboa em 1513 (*FSlp.Lis.1513*, f. 57 *c*) (fig. 4); e a uma que ilustra outro texto, da autoria do monge jerónimo Fr. Pedro de la Vega, saída em Sevilha, em 1540 (*Fs.Sev.1540*, f. 221 *b*) (fig. 5), da qual deriva a xilogravura que será impressa nas duas primeiras edições da compilação em português organizada pelo frade dominicano Fr. Diogo do Rosário, realizadas pelo impressor António de Mariz (fig. 6), respectivamente em Braga em 1567 (*Hs.Bra.1567*, I, f. 197 *d* – Sta. M^a Egipcíacia; e II, 168 *c* – “S. Hilarion.”) e em Coimbra em 1577 (*Hs. Coi.1577*, I, f. 212 *d*). Ainda na movência desta família de estampas está a que ilustra a edição da *Legenda áurea* em castelhano cujo único exemplar sobrevivente se conserva na Archivo Histórico de Loyola (*Ls.Sev.1420-21*, f. 57v.) (fig. 7).

Dada a qualidade da xilogravura estampada em Sevilha em 1540 (*Fs.Sev.1540*,

⁵⁷ “sen”, no texto – gralha clara do tipógrafo.

f. 221 *b*) (fig. 5), parece-me ter sido esta entalhada antes da impressa no exemplar da BL (*Ls.Bur.*1499) (fig. 3). Esta edição sem dados tipográficos é atribuída pelos especialistas à oficina burgalesa de Juan de Burgos e datável à volta de 1497 ou 1499--1500. Sabemos que Juan de Burgos tem o hábito de, no seguimento de Fradique de Basileia, copiar as obras com êxito comercial saídas da oficina de Paulo Hurus, sediada em Saragoça⁵⁸. Ora as duas primeiras edições em castelhano da *Legenda áurea*, hoje perdidas, saem com poucos anos de intervalo (em 1490 e 1492) dos prelos saragoçanos de Paulo Hurus⁵⁹, o que indica a sua aceitação por parte do público e a sua procura.⁶⁰ Parece-me que o jogo de matrizes a que pertencia a citada estampa impressa na oficina de Juan Cromberger em 1540 em Sevilha (*Fs.Sev.*1540) (fig. 5) deve ter sido entalhado na oficina de Paulo Hurus, tendo deixado esta oficina saragoçana por volta de 1497, data em que uma xilogravura pertencente seguramente a este jogo é impressa na oficina sevilhana de Meinado Ungut e Estanislao Polono. Refiro-me à entalhadura que representava *S. Francisco*, modificada para representar *S. Boaventura*, e que foi estampada na folha-de-rosto do *Solilóquio* de S. Boaventura, acabada de imprimir nesses prelos sevilhanos a 30 de Novembro desse ano de 1497.⁶¹ De todas as formas, o referido jogo de matrizes, com imagens referentes aos Santos, não é estampado em Saragoça, na oficina que foi de Paulo Hurus e então dirigida por Jorge Coci, quando em 1516 sai da referida oficina saragoçana uma nova colectânea de textos hagiográficos, da autoria do monge jerónimo Fr. Gonzalo de Ocaña (*Fs.Zar.*1516), ilustrada, na IIª parte da obra, pela estampagem de xilogravuras com a largura da página, provenientes da oficina de Anton Koberger, em Augsburg (LdH.Aug.1488)⁶².

⁵⁸ Emilia COLOMER AMAT, *El Flos Sanctorum de Loyola y las distintas ediciones de la Leyenda de los Santos. Contribución al Catálogo de Juan de Varela de Salamanca, in Analecta Sacra Tarraconensia. Revista de Ciències Historicoeclesiàstiques*, vol. 72 (1999), 109-142, esp. 122.

⁵⁹ José ARAGÜÉS ALDAZ, *Trayectoria editorial de la Leyenda de los Santos: primeros apuntes, in Homenaje a Claude Chauchadis*, in prensa/no prelo, [1.4.] *Las primeras ediciones zaragozanas*, no texto e nas notas 10-14. Confirmando a intuição de Cristina SOBRAL, *Eremitas orientais na Leyenda de los Santos (Burgos, 1499) e no Flos Sanctorum (Lisboa, 1513)*, in *Actas del XII Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval* (Cáceres, 25-29 de Setembro de 2007) no prelo, 1-2 e 10, os documentos descobertos por Miguel Ángel PALLARÉS, na obra e páginas citadas na nota a seguir. Agradeço a José Aragüés e a Cristina Sobral o terem-me facultado os textos acima citados, antes da sua publicação.

⁶⁰ Mais precisamente, a 1ª ed. é vendida a 8 de Janeiro de 1490, sendo a 2ª ed. encomendada a 7 de Março de 1492 – Miguel Ángel PALLARÉS JIMÉNEZ, *La imprenta de los incunables de Zaragoza y el comercio internacional del libro a finales del siglo XV*, Zaragoza, Institución «Fernando el Católico» (C.S.I.C.), 2003 (ISBN 978-84-7820-854-8), 104-105, 114-117.

⁶¹ Talvez nessa mesma oficina sevilhana de Meinado Ungut & Estanislao Polono se tenha realizado a modificação da xilogravura representando *S. Luis de França*, em ordem a ilustrar outro rei (veja-se Fr. António-José de ALMEIDA, O.P., *As imagens de Santos Dominicanos e Franciscanos impressas no Flos Sanctorum em linguagem português, Lisboa 1513*, in *Actas do III Congreso Internacional El Franciscanismo en la Peninsula Ibérica*, Ciudad Rodrigo – Guarda, 2009 (no prelo, texto já paginado), 9 e fig. 17; 12 e fig. 31.

⁶² Estas serão copiadas em Portugal nas ed.s de 1585 e 1590 do Santoral de Fr. Diogo do Rosário e não nas ed.s desta obra impressas por António de Mariz, que copia *Fs.Sev.*1540. O que disse a respeito da transferência das matrizes saragoçanas para Sevilla diz somente respeito como disse às que representam os Santos e

As estampas das xilografuras entalhadas em Saragoça seriam, pois, copiadas pelas entalhadas em Burgos, com menos qualidade técnica e impressas na mesma cidade, possivelmente numa edição hipotética saída dos prelos de Fradique de Basilea por volta de 1473 e depois na saída da oficina de Juan de Burgos à roda de 1499-1500, da qual se conserva um exemplar em Londres (*Ls.Bur.*1499).

A árvore que se vê ao centro das composições lioneso-ibéricas que acabámos de analisar nada tem que ver com a árvore do paraíso, mas provém de uma redução da floresta à frente da qual, nas mais antigas composições alemãs ilustrando o episódio do encontro, é colocado S. Zózimo (*LdH.Augsb.*1471-72, S., f. 5 b; *LdH.Augsb.*1475, f. 3 c; *LdH.Aug.*1475, fol. 11v). Na estampa lionesa da *Ld.Lyo.*1477-78 (image 209 a), essa floresta é reduzida a 3 árvores, que enquadram os dois santos personagens, uma ao meio, separando-os, e mais uma de cada lado. Serão somente duas as árvores na xilografura estampada na *Ld.Lyo.*1483 (rosto e f. l iii a), uma separando os personagens e a outra agora só do lado da Santa. E o número fixar-se-á em uma na *LaS.Lyo.*1486 (legenda 54) (ver fig. 2), aquela que está, na minha opinião, na origem das executadas na Península ibérica analisadas (figs. 5, 3, 4 e 6). Aliás, a árvore visualmente divisória está colocada mais atrás dos personagens, só se colocando verdadeiramente entre eles na estampa da *Ls.Sev.*1520-21 (f. 57 v) (fig. 7). Há sim influência iconográfica da folha com que os protoparentes cobrem os genitais depois da queda no caso de algumas estampas alemãs (*LdH.Augsb.*1471-72, S., f. 5 b; *LdH.Nür.*1475, f. 3 c; *LdH.Ura.*1481, f. 4 r.; *LdH.Reu.*1482, S., fig. 3; *LdH.Aug.*1486, f. 7 r.; *LdH.Lüb.*1488, S., f. 4 r.; *LdH.Aug.*1492, f. 6 r.), em que a Santa cobre a zona púbica com uma folha, o que não aparece nas xilografuras lioneso-ibéricas.

Podemos surpreender o leitor actual o facto de parecer haver contradição entre o texto e as imagens no que diz respeito à idade dos personagens⁶³, mas não nos devemos esquecer que, para a mentalidade medieval, os santos deviam ser representados com o aspecto que teriam aquando da ressurreição universal. Ora, segundo uma convenção geralmente admitida, os mortos ressuscitarão no último

são estampadas na IIª parte de ambos os Santorais espanhóis (o *Flos Sanctorum* propriamente dito) e não no que concerne as da Paixão. As do ciclo da Paixão não vieram para Sevilha, mas ficaram em Saragoça, onde serão estampadas nas ed.s de 1516, 1541 e 1548, segundo o que pude apurar até ao momento. Temos provas de que pelo menos algumas entalhaduras da Paixão permaneceram em Saragoça até 1548, onde são utilizadas por Bartolomé de Nágera, que fica à frente da oficina inaugurada por Paulo hurus. Refiro-me às xilografuras representando o *Ecce Homo* e a *Ida para o Calvário*, pela primeira vez estampadas no *Tesoro de la Pasión* de Andrés de Eli, em 1494, quando a oficina saragoçana era dirigida ainda pelo seu fundador, Paulo Hurus. A *Ida para o Calvário* parece ter sido copiada na entalhadura estampada na ed. de Burgos de 1493 da Paixão do *Monotessaron*, a que me referi atrás, na nota 3, em ambas as variantes (BL, 14ª est., f. [B] iij c; BPL, 9ª est., f. [B] iij a). Como afirmo no artigo que redigi para as Actas do *IV Congresso Internacional sobre Cister em Portugal e na Galiza*, 1-3 Out. 2009, a xilografura burgalesa deve ter copiado uma outra que foi estampada na oficina saragoçana entre 1492 e 1494, o mais provável na 1ª ed. da *Leyenda de los Santos*.

⁶³ Carlos Alberto VEGA, em *El transformismo religioso. La abnegación sexual de la mujer en la España medieval*, Madrid, Pliegos, © 2008, D.L. 2009 (ISBN 978-84-96045-62-0), 196.

dia com o aspecto da idade perfeita de trinta anos, a idade de Jesus Cristo quando triunfou da morte.⁶⁴ Só esporadicamente no Renascimento e sistematicamente no Barroco contra-reformista, é que se assiste, em nome do decoro, a uma adequação mais estreita com o texto das vidas dos santos e a sua representação iconográfica. Porém, a tradição iconográfica tem muita força, e mesmo nessas épocas encontramos exemplos de discrepância entre texto literário e representação iconográfica. Um caso célebre é o da representação do mártir S. Sebastião, em que o remoçamento de que foi objecto no Renascimento, mercê da sua comparação com Cristo, se prolongou até aos nossos dias.⁶⁵

A partir de 1516, surge uma outra forma de representar o episódio, devido à impressão em Saragoça (*Fs.Zar.1516*, f. 168 v) de uma xilogravura (fig. 8) estampada anteriormente em Nuemberga (*LdH.Nür.1488*, f. 3 v), que terá posteridade na Península ibérica até finais do século.

O outro episódio desta legenda figurado em ilustrações de Santorais sevillhanos do final da década de 60 de Quinhentos (fig. 9) é o da sepultura (*Ls.Sev.1568*, f. 56 d; *Fs.Sev.1568-69*, est. dir., nos f. 258 r. – ilustrando *Sto. Onofre* – e f. P iii r. – ilustrando *Sra. Maria Madalena*; *Fs.Sev.1572*, II, f. 89 vº, est. dir.), em que figuram, lado a lado, a tentativa de Zózimo e a escavação do leão.

1.2. *Santa Maria Madalena*⁶⁶

1.2.1. O texto:

Sob o nome de Maria Madalena⁶⁷ acolhem-se três personagens evangélicas. A estas se vem juntar uma quarta, fruto da contaminação da história de Santa

⁶⁴ «convención admitida por los teólogos e impuesta a los artistas», segundo Louis RÉAU, *Iconografia del arte cristiano*, tomo 1: *Iconografia de la Biblia*, vol. 2: *Nuevo testamento*, Barcelona, Ediciones del Serbal 1996 (ISBN 84-7628-189-7), 764.

⁶⁵ Karim RESSOUNI-DEMIGNEUX, *Saint Sébastien*, [Paris], Éditions du Regard, D.L. 2000 (ISBN 2-84105-118-8), 29-35.

⁶⁶ Sobre esta Santa ver: Lilia SEBASTIANI, *Tra/Signorazione. Il personaggio evangelico di Maria di Magdala e il mito della peccatrice redenta nella tradizione occidentale*, Brescia, Queriniiana, © 1992 (ISBN 88-399-0958-3); Helena (Maria Duarte Freitas Mesquita) BARBAS, *Imagens e sombras de Santa Maria Madalena na literatura e arte portuguesas*, Lisboa, [s.n.], 1997, 2 vols. (Tese de doutoramento em Estudos Portugueses, Universidade Nova de Lisboa [Texto policopiado]; Christiane NOIREAU, *Marie Madeleine*, Paris, Éditions du Regard, 1999 (ISBN 2-84105-106-4); Katherine Ludwig JANSEN, *The Making of the Magdalen: Preaching and Popular Devotion in the Later Middle Ages*, Princeton (New Jersey), Princeton University Press, 2000 (ISBN13: 978-0-691-08987-4); Andréia Cristina Lopes Frazão da SILVA & Carolina Coelho FORTES & Fabrícia Angélica Teixeira de CARVALHO & Maria Cristina Correia Leandro PEREIRA & Shirlei Cristiane Araújo FREITAS, *Vida de Santa Maria Madalena – Texto Anónimo de Século XIV*, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Agosto 2002 – <<http://www.scribd.com/doc/6676161/Vida-de-Santa-Maria-Madalena-Texto-Anonimo-de-Seculo-XIV>>; Helena [Maria Duarte Freitas Mesquita] BARBAS, *Madalena – História e Mito*, Lisboa, Êsquilo – Edições e Multimédia, Maio de 2008 (ISBN 972-989-8092-29-8).

⁶⁷ Ou “Magdanela”, como aparece no nosso texto.

Maria Egipcíaca – a da penitente da Santa Bauma⁶⁸, a gruta na Provença onde ela se recolhe em contemplação.

Apesar de só interessar aqui a abordagem da fase da vida eremítica de Santa Maria Madalena, não quis deixar de apresentar neste artigo o texto total da legenda, na qual a referida fase precede o epílogo, formado por dois episódios ligados ao seu culto.

I – Figura compósita, extraída dos Evangelhos:

[*FS/p*.Lis.1513, f. 103 *a* (fig.12)]

(1.) [Linhagem, possessões e vida de Maria, Lázaro e Marta]
«[S]Ancta maria Magdanela ouue este sobrenome de huñ castello seu que chamã magdalo. & foy fidalga & vinha de linhagẽ de reys: & a seu padre chamauam syro: & a sua madre eucharía. E esta & lazaro seu jrmaão & sua jrmaã martha auiam por herdade este castello em magdalo: que he huña legoa de genezareth & bethania que he çerca de jherusalem. E partirõno em tal maneira que Maria ouue magdalo: õde despois foy chamada magdanela. & a lazaro a parte de jherusalem. & a martha bethania. E a magdanela seguindo sempre a vontade de seu corpo.⁶⁹ & lazaro o feito da caualleria [=vida militar]. E martha que era mais entendida enderçaua ha fazenda & herdade de sua jrmaã & de seu jrmaão.⁷⁰ & daua aos caualleiros [=soldados] de su jrmaão todo o que auiam mester. Pero desque jhesu christo subio aos çeeos venderom todo o que auia & poserõ o preço ante os pees dos apostollos.»

(2.) [Madalena converte-se em pecadora, mas encontra Jesus em casa de Simão e Jesus perdoa-lhe os pecados]
«E a magdanela como era rica & fre [[f. 103 *b*]]mosa seguia a vótade do corpo & tão mais⁷¹ se daua ao amor do mundo em maneyra que perdeo seu nome proprio & chamarõlhe peccatrix. Mas jhesu christo andado pregando pollo múdo, ella polla graça do spiritu sancto veo a casa de symó leproso sabendo que pousaua hy jhesu

⁶⁸ Utilizarei o nome em occitano *Santa Bauma*, que em francês se diz *Sainte Baume*.

⁶⁹ À semelhança do que a Egipcíaca diz de si mesma.

⁷⁰ Também na *Ls*.Sev.1520-21: «e de su Hermano» (ed. CABASÉS, 2007, p. 339 *a*). Expressão que falta em *Ls*.Burgos.1499.

⁷¹ Também na *Ls*.Sev.1520-21: «e tanto más» (ed. CABASÉS, 2007, p. 339 *a*). Expressão que falta em *Ls*.Burgos.1499.

christo: & porque era tã pecadora nõ ousou parecer ante as caras dos justos. & posese nas espaldas delles: & lançoise aos pees d' jhesu christo cõ lagrimas de seus olhos & alimpoulhos cõ seus cabellos & vntoulhos com huũ nguêto preçioso. Ca os homens de aquella terra por razõ de queëtura que he muy grãde vsam banhos & ynguentos. E cuydaua symõ antre sy. *Se este fosse propheta nõ consentira que esta molher o tocasse.* E nosso senhor reprehendeo de justiça soberbosa & perdeu[sic] a ella seus pecados.»

(3.) [Particularidades que adornam Madalena]

«E esta he a magdalena a quẽ deos fez tanta graça & lhe mostrou tanto amor: & tirou della sete diabos & foy muyto sua familiar. & fezea sua hospeda. & quis que fosso[sic] no caminho sua procuradora. & a escusou do phariseu que dizia que ella era nõ limpa: & de sua jrmaã que lhe chamaua vagarosa [=preguiçosa]: & de judas que lhe chamaua gastadora. & veëdo chorar chorou com ella. & por amor della resuscitou a lazaro que auia quatro dias que estaua no moymento. E por amor della deu saude a martha sua jrmaã que auia sete annos que corria della sangue. & por seu mereçimento quis que marçelha seruidora de sua jrmaã disesse[sic] estas palouras[sic] tam sanctas & tam doçes. *bemaumentado he o vètre que te geerou.* E esta foy a primeira que começou a fazer penitência nomeada: & esta fez primeiramente o vnguento pera jhesu[sic] christo: & ella nunca se delle partio. E quãdo jhesu christo resurgio a ella apareço primeyramete: & a fez pregadora cõ os apostollos.»

II – Em Marselha, pregadora:

(4.) [Madalena com os irmãos e outros cristãos são expulsos pelos judeus numa nave que Deus guia até Marselha. Madalena converte os habitantes locais]

«E depois que jhesu christo subio aos çeeos arramarõ os apostollos por todo o mundo a pregar a palavra de deos. E a aquelle tẽpo era cõ os apostollos sam maximino que era huũ dos setenta & dous discipollos de jhesu christo: a este encomẽdou sam pedro apostollo a scã maria magdalena. & o sam maximino & a magdalena & lazaro & martha & sua seruidora: & çelidonio que naçera çego: ao qual nosso senhor jhesu christo a[f. 103 c]lumiou cõ os outros christaãos. & poserõnos os judeus em hũa naue por

que morressem no mar. E guiondoos deos vieró a marsilha & nõ achando nenguẽ que os quisesse receber estauã fora em huũ portal que era de huũ tẽplo da gente daquella terra. E veẽdo scã maria magdalena que a gente de aquella terra hyã pera sacrificar e honrrar os ydolos: leuãtouse rijndo [⁶e pagada [=ufana], e con su cara risueña,⁷²] & cõ palauras & a lingoa doce faziaos leixar ho sacrificio dos ydolos: & preegualhes fortemẽte⁷³ de jhesu christo. & marauilhauãse todos de sua fermosura & da sua eloquẽcia de suas palauras⁷⁴ tam doçes. Ca boca que beyjara os pees de jhesu christo cõinha que mais doçemẽte preegase a palaura de d's que as outras.»

III – A maravilhosa história do governador/‘príncipe’, sua mulher e filho:

(5.) [Madalena impede que o príncipe da terra e sua mulher sacrifiquem aos ídolos, prega-lhes Jesus Cristo, e em sucessivas aparições compele-os a que ajudem os pobres]

«& depois desto veo o príncipe da prouinçia de aquella terra que era muy rico & vinha a sacrificar os ydolos elle & sua molher por tal que ouuessem filho: mas sancta maria magdalena os estorouo do[sic] adorar os ydolos⁷⁵. & lhes pregou fortemente de jhesu christo. E de hy a poucos dias apareço a magdalena aa molher d' aquelle príncipe & disselhe. *Porque leixas morrer de fame & de frio os proues de d's auendo vos tã grandes riquezas & ameaçauaa se ho nõ disse a seu marido.* Outra noyte lhe apareço dizendolhe essa mesma razom: & elle reueo em poco. & outra noyte apareçolhes scã maria magdalena⁷⁶ a ambos muy asanhudamente & muy yrada. & assi vinha açesa que parecia que ardia a casa & disselhe. *Tirãno membro de sathanas dormes cõ tua molher serpentina: que te nõ quis dizer o que lhe eu mandei. E tu emijgo da cruz estas folgãdo cheo de riquezas: leyxas perecer de fame os scãos de d's & jazes em teu paço emuolto de pãnos de seda. & vees os proues desconsolados: & nenhuũ bem lhes fazes.*»

⁷² Acrescento só na *Ls.* Sev.1520-21 (ed. CABASÉS, 2007, 340 a).

⁷³ Também na *Ls.* Sev.1520-21: «fuertemente» (ed. CABASÉS, 2007, 340 a). Advérbio que falta em *Ls.* Burgos.1499.

⁷⁴ Também na *Ls.* Sevilla.1520-21: «e de la su palabra» (ed. CABASÉS, 2007, 340 a). Expressão que falta em *Ls.* Burgos.1499.

⁷⁵ Também na *Ls.* Sevilla.1520-21: «ydolos» (ed. CABASÉS, 2007, 340 a). Palavra que falta em *Ls.* Burgos.1499, onde só figura o pronome.

⁷⁶ Também na *Ls.* Sevilla.1520-21: «sancta Maria Magdalena» (ed. CABASÉS, 2007, 340 a). O nome não está expresso em *Ls.* Burgos.1499.

(6.) [O príncipe e a mulher, atemorizados falam com Madalena, a cujo Deus pedem um filho. Madalena obtém-no]

«& acordarõ ambos com grãde medo tremêdo. & disselhe a molher. *Senhor que faremos?* Disselhe elle. *Milhor he que façamos o que ella manda: que nõ cayamos na yra de d's que ella preega.* & porende recebiã os proues: & receberõ a elles em sua casa &⁷⁷ dauãlhes o que auiã mester. E hũa vez disse este príncipe a sc̄tã maria magdalena. *Tu cuidas de defender esto que preegas?* & ella disse. *Posso o defender* [f. 103 d] *assy como cousa prouada & affamada. &⁷⁸ por os milagres de cada dia: & polla pregaçam de meu mestre sam pedro que esta em roma.* & disse o príncipe. *Nos queremos⁷⁹ fazer ho que tu mãdares: se tu nos ganhares do teu d's que ajamas filho.* E disse magdalena. *esso rogarey a d's.* & logo rogou a d's por elles. & de hy a poucos dias conçebo a dona.»

(7.) [O príncipe quer encontrar Pedro em Roma e a sua mulher, embora grávida, consegue que a leve consigo]

«E o marido queria hyr a roma a sam Pedro por prouar se era verdade ho que preegaua sancta maria magdalena de jhesu christo. & quádo esto ouiuo a molher disse a seu marido. *Senhor tu cuydas de hyr sem my. d's nunca o queyra que eu contigo quero hyr. & se tu folgares [=descansares] eu folgarey.* & disse elle. *Molher senhora esto no pode seer que tu estas prenhe: & no mar ha muytos perigos & tu ligeiramente [=facilmente] poderas perecer. & por esto ficaras em tua casa & teeras cuydado de nossos beens.* E ella [muy afincadamente⁸⁰] chorãdo lançoise a seus pees. & acabou ho que quis com seu marido.»

(8.) [Madalena faz-lhes o sinal da cruz sobre o ombro. A nave sofre uma tempestade, a mulher dá à luz e morre, ninguém pode amamentar o menino e os marinheiros querem lançar o cadáver ao mar]

⁷⁷ Também na *Ls.* Sevilla. 1520-21: «en su casa recibieron, e» (ed. CABASÉS, 2007, 340 b). Em *Ls.* Burgos. 1499 não se fala que recebessem os pobres em sua casa.

⁷⁸ Também na *Ls.* Sevilla. 1520-21: «e afamada, e» (ed. CABASÉS, 2007, 340 a). Expressão que falta em *Ls.* Burgos. 1499.

⁷⁹ Também na *Ls.* Sevilla. 1520-21: «queremos» (ed. CABASÉS, 2007, 340 a). Verbo que falta em *Ls.* Bur. 1499.

⁸⁰ Expressão adverbial só existente nos textos catelhanos, *Ls.* Bur. 1499 e *Ls.* Sev. 1520-21 (ed. CABASÉS, 2007, 340 b).

«E ha magdalena fezlhes ho signal da cruz nos hombros.⁸¹ por que ho diaboo nõ lhes empeçesse [=fizesse mal]. E carregaram hũa naue do que auiam mester. & encomêdaromse a d's & foramse. E elles andando huũ dia & hũa noyte pollo mar: começouse de leuantar o mar & fazer⁸² grande tormenta: em maneira que ho vento era muy rijo. E a dona muy quebantada da tormenta do mar⁸³ & começou de auer grandes doores: & pario huũ filho: & ella morreo. & o menino buscaua as tetas da madre. & choraua porque nom achaua que mamar. E seu marido começou d' chorar & dizia. *Ay mezquinho que sera de mĩ que minha molber he morta & a criãça perderseha. porque nom acha que mamar.* & dizia *Ay mezquinho desejey auer filho & perdi a madre & a elle.* & disserõ os marinheiros. *Lãçemos ho corpo no mar ante que pereçamos aqui todos: ca emquanto aqui esteuer nunca çessaria a tẽpestade:* & tomãdo o corpo pera o lâçar no mar disse o marido. *Ay d's po me mesura se a mi nõ queres perdoar. aue pieddade deste menino que chora: & esperay hũ pouco.»*

(9.) [O príncipe consegue desembarcar o cadáver da mulher numa ilha, põe o menino sobre o corpo da mãe, cobre-os com um manto, invoca Maria Madalena e parte]

«E em dizendo esto apareço huũ outeyro de hũa ylha. & rogou aos marinheiros que leuassem la o corpo: & elles nom queriã mas pollo preço que lhes deu leuarõ o cor[*f. 104 a*]po & o poserõ em aquelle outeyro. E quando vio que nom auia hy logar pera cauar coua: pos o corpo a hũa parte do outeyro & escõdeo & cobrio com seu manto: & pos o menino sobre as tetas da madre & disse. *O sancta maria magdalena porque vieste a marsilha pera acreçentar a minha mezquindade & a minha perda: mais valera nõ começar este caminho. & agora maria magdalena encomendo ao teu d's & a ty minha molber & este filho que ouue por teu rogo. & se o teu⁸⁴ d's he poderoso acordese da alma da madre & por ho teu rogo faça que nõ pereça a criatura.* & cobrio o corpo & o menino cõ o manto⁸⁵ [*& cõ mucho pesar dexolos alli:*]⁸⁶ & entrou na naue.»

⁸¹ Trata-se de um sinal visível, como a seguir se verá, semelhante ao que os peregrinos usavam na Idade Média e donde veio o designativo de «cruzados».

⁸² Também na *Ls.Sev.1520-21*: «de ayrar el mar, e fazia» (ed. CABASÉS, 2007, 341 *a*). Expressões que faltam em *Ls.Bur.1499*.

⁸³ Também na *Ls.Sev.1520-21*: «de el mar» (ed. CABASÉS, 2007, 341 *a*). Precisão que falta em *Ls.Bur.1499*.

⁸⁴ «tem», no texto – gralha clara do tipógrafo.

⁸⁵ Também na *Ls.Sev.1520-21*: «E cubrió el cuerpo y el niño con el manto», (ed. CABASÉS, 2007, 341 *b*).

⁸⁶ Entre o texto que aparece na *Ls.Bur.1499*, em vez do anterior, que aparece tanto no *FS/p.Lis.1513* como na

(10.) [Pedro recebe o príncipe que conta tudo. Consola-o. e leva-o a Jerusalém onde permanece dois anos. Ao regressar, vai parar ao monte onde deixou a mulher e o filho e desembarca alí]

«E vijndo a roma sayo sam pedro a reçebello veendolhe o signal da cruz no hombro:⁸⁷ & p̄guntoulhe dōde era: ou onde hya. E elle contoulhe todo quāto lhe aconteçera. & disselhe sam pedro| *d's te de paz & bem sejas vijndo creeste cōselho muy bō. & nō te pese se tua molher dorme & o menino folga [=descansa] cō ella: que d's he poderoso de dar dooēs a quē elle quer & depois tirarlhos. & depois que lhos tira darlhos: & mudar o teu choro em prazer.* & sam pedro o leuou a jherusalē & mostroulhe todos os lugares por onde jhesu xp̄isto andou. & onde fez milagres: & onde morreo. & onde sobio aos çeeos: & o enfermou bem na ley de jhũ xp̄isto⁸⁸. & esteue la dous ānos & depois entrou na naue: & começou de tornar pera sua terra. E hindo pollo mar quis d's assy ordenar que vierō por aquelle outeyro onde estaua a molher & o menino. & rogou aos marinheiros & deulhes preço & foram la.»

(11.) [Encontra o menino vivo, protegido por Maria Madalena, e pede-lhe que ressuscite a mãe]

«E sancta maria magdalena guardou o menino & estaua saão. E como algũas vezes hya a ribeira do mar & jugaua cō as pedrinhas como he costume dos meninos assi o achou o padre ao menino jugando a ribeira do mar. E o padre quando vio ho menino marauillhouse muyto que poderia ser aquello que andaua assi jugando: & saltou da naue a terra: & o menino ouue medo como cousa que nũca vira corria pera as tetas da⁸⁹ sua madre: & meteose sob o mātō della. & o padre chegouse a ella⁹⁰ & achou que mamaua as tetas da madre: & tomou o menino nos braços & dise. *O senhora sancta maria magdalena quã bē an*[f. 104 b]*dāte eu seria se minha molher resuscitasse. E bē sey eu & o creio de todo em todo que tu criaste o menino dous annos & o guardaste nesta pena. & pois que tu esto fizeste: bem assi como guardaste a criatura: bē assi podes tornar a madre viva,»*

Ls.Sev.1520-21 (ed. CABASÉS, 2007, 341 b).

⁸⁷ O tal sinal ou insígnia que Maria Madalena lhe tinha colocado.

⁸⁸ Também na Ls.Sev.1520-21: «de Jesu Xristo» (ed. CABASÉS, 2007, 341 b). Precisão que falta em Ls.Bur.1499.

⁸⁹ Também na Ls.Sev.1520-21: «las tetas de» (ed. CABASÉS, 2007, 342 a). Precisão que falta em Ls.Bur.1499.

⁹⁰ Também na Ls.Sev.1520-21: «se a ella,» (ed. CABASÉS, 2007, 342 a). Precisão que falta em Ls.Bur.1499.

(12.) [Ressuscita a mãe e esta conta haver feito com Madalena a mesma peregrinação que tinha feito o pai com S. Pedro]
 «E ajnda elle nõ acabou⁹¹ d' dizer estas razões quando acordou a molher & disse. *O senhora sc̄tã maria magdalena como fostes piadosa no tempo de minha pressa. ca tomaste officio de parteira. & em quãtas cousas eu ouue mester: tu fizeste officio de serua. & ouuindo esto o marido marauilhouse muyto: & disse. Minha molher muyto amada es viuua: & ella disse. Certamẽte viuua som: & agora venho da romaria que tu veens. & bem assi como sam pedro leuou a ty a jherusalẽ: & te mostrou todos os lugares de jhesu xp̄sto: onde morreo | onde foy enterrado: onde sobio aos çeeos | Em essa mesma maneira foy cõmigo a senhora sc̄tã maria magdalena. & me acõpanhou: & me mostrou todos os lugares que tu andaste de maneira que nõ falleço [=faltou] nõhuũ delles.»*

(13.) [O príncipe, com a mulher e o filho, regressam a Marselha, onde encontram Madalena a pregar. Convertem-se, fazem Lázaro bispo de Marselha e Maximino bispo de Aquis]
 «E emtõ o peregrino tomou sua molher có o minino: & entrou na naue có grãde alegria. & a pouco tempo chegarõ a marselha & acharõ a sc̄tã maria magdalena que preegaua có os discipollos & lançarõse a seus pees có muytas lagrimas: & cõtãro quanto lhes acõteçera. & baptizouos sam maximo. Emtõ fizerõ em marsilha ygrejas aa hõrra de jhũ xp̄sto. & destruyrõ todos os tẽplos dos ydolos. & fizerõ sam lazaro bispo de aquelle logar & vierõ aa cidade de aquis [= *Aquae Sextiae, Aix-en-Provence*]. & por muytos milagres cõuerterõ aquelle pouoo todo a fe de jhũ xp̄sto: & foy hy bispo sam maximino.»

IV – Vida Contemplativa, na Santa Bauma:

(14.) [Madalena retira-se para o ermo durante trinta anos, onde todos os dias Deus a alimenta com manjares celestiais]
 «& d'spois sc̄tã maria magdalena por estar maiç[sic] em contẽpraçã

⁹¹ «acabana», no texto – gralha clara do tipógrafo.

⁹² foyse pera o hermo:⁹³ & em este logar nẽ auia solaz de aguas nẽ de heruas: nẽ de aruores.⁹⁴ E ally esteue trinta annos.⁹⁵ & nosso snõr a fartaua cada dia de seus mājares celestiaes. & cada dia a alçauã os anjos da terra sete vezes: & ouuia cõ suas orelhas câtares gloriosos dos anjos no çeeo: & depois punhãna em seu logar. & nõ tinha cuydado de comer outros manjares terreaes.»

(15.) [Um sacerdote, que fez a cela ali perto, viu como Madalena era levada ao céu e devolvida à terra]
«E huũ saçerdote desejando de fazer vida apartada: fez hũa çella açerca de aquelle logar a doze estados [=estádios, medida de comprimento]. E huũ dia abriu⁹⁶ nosso [f. 104 c] senhor [Dios]⁹⁷ os olhos deste sacerdote & vio magnifestamente [sic]⁹⁸ os anjos descender em aquelle logar onde moraua scã maria magdalena & a alçauã no aar: & a cabo da ora traziãna a seu logar cõ cantares muy doçes.⁹⁹ E querendo este sacerdote saber a verdade desta visom tã grãde: encomendouse a d's & foyse a esse logar cõ grãde atreumêto: & chegouse a ella quãto seria huũ lançou[sic] de pedra. & começarõlhe de tremer as pernas & todo o corpo cõ o grande medo. & nõ podia chegar a aquelle logar porque lho defendia a fraqueza da alma & do corpo. & elle¹⁰⁰ entendeo que aquelle sacramêto era celestial: que homẽ do mũdo nõ podia la chegar:

(16.) [Madalena revela ao sacerdote quem é ela e pede que anuncie a S. Maximino que em breve será levada ao seu oratório]

⁹² Não se fala de penitência. Mas sabemos como todo este episódio é decalcado da legenda de Sta. Maria Egípcíaca – Lilia SEBASTIANI, *Tra/Signurazione. Il personaggio evangelico di Maria di Magdala e il mito della peccatrice redenta nella tradizione occidentale*, Brescia, Queriniana, © 1992 (ISBN 88-399-0958-3), 249.

⁹³ A Madalena vai para o ermo não para fazer penitência, mas para contemplar.

⁹⁴ Era, pois, um lugar deserto.

⁹⁵ Não se fala no texto que estivesse nua. A nudez deve ser contaminação com a história de Sta. Maria Egípcíaca e sinal de estado paradisiaco, como se pode inferir da estampa de Koberger (fig. 14).

⁹⁶ «obrio», no texto – gralha clara do tipógrafo.

⁹⁷ acrescento só no texto de Loyola, *Ls.Sev.1520-21* (ed. CABASÉS, 2007, 343 a).

⁹⁸ tanto aqui como na *Ls.Sev.1520-21* (ed. CABASÉS, 2007, p. 343 a), contrariamente à *Ls.Bur.1499*, que tem «manifestamêto».

⁹⁹ Ver ilustração deste episódio, v.g., na estampa de Alberto Dureiro (http://bibliotecadigitalhispanica.bne.es/view/action/singleViewer.do?dvs=1262115034949~773&locale=pt_PT&DELIVERY_RULE_ID=10&frameId=1&usePid1=true&usePid2=true).

¹⁰⁰ Existência do pronome só na *Ls.Bur.1499* e aqui, não figurando na *Ls.Sev.1520-21* (ed. CABASÉS, 2007, 343 a).

& disse. *Escôjurote por jesu xpisto que me digas se es homẽ ou outra criatura & que digas de ty a verdade.* & disselho tres vezes: & respódeo a magdalena & disselhe. *Chegate mais ca açerca & poderas saber a verdade de quãto pregũtas de mi.* & chegouse a meyo espaço. & disselhe a magdalena [sic]. *Acordaste do euãgelho que fala aquella maria pecatrix chamada que lauou os pees do saluador cõ lagrimas de seus olhos: & alimpiulhos cõ seus cabellos & merçeo auer perdõ de seus pecados.*¹⁰¹ & disse o sacerdote *acordome: & mais ha de trinta annos que esso aconteceo:* & disse a magdalena[sic]. *Eu som aquella. & trinta ãnos ha que estou em este logar que nunca o soube homẽ do mundo. & assi como viste hontẽ assi me alçã os anjos de terra cada dia sete vezes: & ouço cãtares muy doços no çeo cõ estas minhas orelhas| E porque d's me quiz mostrar que eu ey asinha [=em breve] de sahyr deste mundo. Uay a sam maximino & dizelhe que o primeiro dia de domingo que vem que entre elle soo em oraçam: em aquelle tẽpo que se sooe leuãtar aas matinas & acharmeha hy por seruiço dos anjos. E o saçerdote ouuiu sua voz como voz de anjo: & foy asinha a sam maximino & recõtoulhe todo.*

(17.) [Maximino encontra Madalena no seu oratório entre anjos, dá-lhe a comunhão, e Madalena morre e é enterrada]

E sam maximino foy muj alegre & agradeceo a d's: & a hora que lhe foy dicto entrou em oraçã & vio estar a sancta maria magdalena no coro dos anjos. & estaua alçada de terra altura de dos[sic] couados em meyo dos anjos & tinha as mãos alçadas ao çeeo. & sam maximino duuidãdo de chegar a ella.¹⁰² chamou ella: & disse. *Padre chega[f. 104 c]te a my & nõ fugas da tua filha.* & elle chegãdo vio resprandeçer a cara della tam fortemẽte: que melhor se poderia olhar o rayo do sol que a sua cara. E chamada toda a clerizia & aquelle saçerdote ja dicto tomou o corpo de d's & comungou a magdalena de maõ do bispo cõ muytas lagrimas. & lançandose ante o altar. sayolhe a alma do corpo & foyse ao parayso. & depois que se ella finou tã grãde odor ficou no oratorio sete dias cõtinuamẽte que quãtos hy estauã tantos se marauilhauã de aquelle odor. E este corpo scõtõ enterrou sam maximino muyto hõrradamente cõ muytas espeçias¹⁰³:

¹⁰¹ Madalena identifica-se com a pecadora perdoada em casa de Simão Malato (=Leproso).

¹⁰² Mais uma vez, como no caso da Egipcíaca, a levitação é motivo de temor por parte do sacerdote.

¹⁰³ Assim também aparece na *Ls. Sev. 1520-21* (ed. CABASÉS, 2007, 343 b), contrariamente ao que acontece na *Ls. Bur. 1499*, onde se lê: «cõ muchas osequias».

Epílogo

(18.) [O abade do mosteiro feito pelo duque da Borgonha manda buscar as relíquias de Madalena a Aix. Um monge encontra-as no meio das ruínas e leva-as para o mosteiro]

& aconteçeo que dom giraldo duque de bregonia nõ podendo auer filho de sua molher daua¹⁰⁴ quãto tinha aos proues. & fazia muytas ygrejas & fez huũ moesteiro. E ho abade de aquelle moesteiro mãdou a huũ seu mõe que fosse aa cidade de aquis [= *Aix-en-Provence*]: & que trouxesse das reliquias de scã maria magdalena. & vijndo este monje a aquelle cidade achou destroyda dos mouros: & achou por vêtura huũ sepulcro em que jazia o corpo da magdalena segũdo que mostraua o sepulcro que era de marmore. E tinha ha sua estorea entalhada marauilhosamête nelle: & fezeo de noyte quebrar & tomou de hy as reliquias & leuouas¹⁰⁵. E essa noyte apareçeo a magdalena ao mõe dizêdolhe que nõ ouuesse medo: mas que acabase o que começara. & quando tornou a seu moesteiro âte d' mea legoa nõ podia de hy mouer as reliquias ã nenhũa maneira atee que veo o abade com os mões a reçeber as requias [sic] cõ grãde hõrra & procissam.

(19.) [Um cavaleiro devoto de santa Maria Madalena ressuscita para se confessar]

Outrosi huũ caualleiro que cada anno soya vijr ao sepulcro de scã maria magdalena: & matarõno ã hũa batalha: & seus parêtes faziã por elle grãde doo & diziã assi. *Sãta maria magdalena como lexaste morrer o teu deuoto sem penitẽcia & sem cõfissom*. E marauilhándose todos leuãtouse o corpo subpitamête & chamou huũ sacerdote: & confessouse & comũgo & finouse logo.»

1.2.2. As ilustrações:

Praticamente toda esta legenda está pintada a fresco por Giotto di Bondone na capela da Madalena, na Basílica inferior de S. Francisco, em Assis¹⁰⁶: 1. A ceia em casa do fariseu, 2. A ressucitação de Lázaro, 3. *Noli me tangere*, 4. Viagem a Marselha e milagre da família do governador, 5. A Madalena eremita na gruta chamada Santa Bauma, 6. Madalena elevada todos os dias da Santa Bauma

¹⁰⁴ «dana», no texto – gralha clara do tipógrafo.

¹⁰⁵ «a su ostal» [ou «ostial»], acrescentam os textos castelhanos, *Ls.Bur.1499* e *Ls.Sev.1520-21* (ed. CABASÉS, 2007, 344 a), respectivamente.

¹⁰⁶ <<http://www.glisicritti.it/gallery2/v/assisgiottomaddalena/>>

para rezar com os anjos, 7. Madalena transportada pelos anjos para receber a comunhão de S. Maximino.

Contrariamente ao que acontece com a ilustração da legenda analisada anteriormente, a de Santa Maria Egípcíaca, a de Santa Maria Madalena não é sempre ilustrada pela imagem do episódio figurado no nosso *FSlp*.Lis.1513 (f. 103 a) (fig. 12), o do *Arrebatamento da Santa ao céu pelos anjos*, o que não quer dizer que ela não tenha tido popularidade, como veremos.

No que diz respeito à ilustração da legenda de Santa Maria Madalena no *FSlp*.Lis.1513, penso que a origem próxima da imagem está também, como no caso anterior, numa xilogravura da *LaS*.Lyo.1486, a que ilustra a legenda 89 (ver fig. 10). Quatro anjos elevam a Santa, que, neste caso, tem o corpo todo coberto por pêlos. O facto não é narrado na legenda desta santa, mas a propósito de Santa Inês, Virgem e Mártir,¹⁰⁷ quando esta é despida para ser levada a um bordel, por não querer sacrificar aos ídolos: «E leuádoa espida foy logo cuberta de cabellos assy como de vestiduras:» (*FSlp*.Lis.1513,f. 31 c). Esta entalhadura será reestampada no *FsR*.Bar.1494, no fólio CLXXIX [sic, aliás 157] a (fig. 10), e no rosto do *Apologeticus pro unica Maria Magdalena*, escrito por Fr. Baltasar Sorio O.P., e impresso em Saragoça, por Jorge Coci, em 1521¹⁰⁸. A presença desta xilogravura na oficina fundada por Paulo Hurus parece ir no sentido da confirmação da hipótese que formulei de as entalhaduras do jogo de que ela faz parte, de origem lionesa, terem servido de modelo às entalhadas nessa oficina saragoçana e estampadas nas primeiras edições, perdidas, da *Leyenda de los Santos* (1490 e 1492). Em 1521 já não devia haver em Saragoça o jogo dessas, pelo que Jorge Coci se viu obrigado recorrer a uma mais antiga. Isto parece confirmar a minha hipótese de se ter vendido para Sevilha, por volta de 1497, o jogo de matrizes xilográficas saragoçanas. Aliás, algumas xilogravuras lionesas estampadas na *LaS*.Lyo.1486 reaparecem em 1492 em Saragoça ilustrando a *Aurea Expositio Hymnorum*, saída do prelo de Paulo Hurus a 26 de Janeiro desse ano, sendo a seguir impressas no *FsR*.Bar.1494. Não sei se foram estampadas na nova edição da *Aurea Expositio Hymnorum* que Paulo Hurus faz sair da sua oficina saragoçana por volta de 1495, mas o certo elas serão reestampadas nessa oficina na edição terminada a 1 de Janeiro de 1520, quando estava à frente dela Jorge Coci. Por isso não é de admirar que no ano seguinte uma outra xilogravura pertencente ao mesmo jogo lionês, a da Madalena, seja aqui reimpresso.

Da xilogravura da *Elevação da Madalena pelos anjos* impressa hipoteticamente em Saragoça em 1490 e 1492, e reestampada, segundo penso, no *Fs*.Sev.1540,

¹⁰⁷ C. VEGA, *El transformismo religioso*, pp. 151-152 e 182.

¹⁰⁸ Francisco VINDEL, *Manual Gráfico-Descriptivo de Bibliófilo Hispano-Americano (1475-1850)*. Madrid: [F. Vindel], 1930-34, 12 vols., vol. VI, 191, n.º 2.893.

no fólho 303 *d* (fig. 13) terão derivado as entalhaduras estampadas tanto na *Ls.Bur.1499* (f. 133 *c*) (fig. 11) como no *FSlp.Lis.1513* (f. 103 *a*) (fig. 12). Esta última, porém, contém um pormenor ausente das anteriores. Refiro-me à presença de rochas aos lados, na metade inferior da composição, atrás dos anjos de baixo e sob os de cima. Donde provirão estes elementos? Julgo que da entalhadura com este tema estampada na *Crónica de Nuremberga*, impressa nesta cidade alemã em 1493, não só em alemão mas também em latim¹⁰⁹, uma vez que a entalhadura estampada na célebre *Leben der Heiligen* (ver fig. 14)¹¹⁰, onde o autor da xilogravura da *Crónica* se parece ter inspirado, saída da mesma oficina uns anos antes, em 1488, só apareceu em alemão e também porque aí a Santa é representada completamente nua, ao contrário da nossa estampa. Com isto não quero ser apodítico, pois o «Mestre do Vespasiano»¹¹¹ pode ter ascendência alemã ou pode muito bem ter visto esta obra na casa de algum mercador alemão residente em Lisboa, embora não tenha chegado até nós nenhum exemplar desta obra conservada no território português, ao contrário da *Crónica de Nuremberga* em latim¹¹². Lembremos que Valentim Fernandes, o impressor da *História de mui nobre Vespasiano*¹¹³, é alemão e também o é Hermão de Campos, uma vez que que era de bom tom, nessa época, aportuguezar os nomes. Até pode ter visto as duas composições. Seja como for, este pormenor denota uma atenção à novidade por parte do entalhador lisboeta.

O elemento das rochas começa a aparecer na xilogravura alemã em 1481, no *Leben der Heiligen* impresso nesse ano em Urach, por Conrad Fyner (*LdH.Ura.1481*, S., f. 105 r) logo seguido pelo volume estival do *Leben der Heiligen*, acabado de imprimir em Augsburg, por Johann Schönsperger, a 2 de Dezembro do ano seguinte (*LdH.Aug.1482*, S., f. 165 v). Tanto nestes como no *LdH.Aug.1488* (ver fig. 14), Maria Madalena sai da gruta, a «Santa Bauma» provençal. Na estampa da *Crónica*, no local, entre rochas, sobre o qual para a Santa existem construções.

Embora em Espanha, através da reimpressão da entalhadura de Augsburg, esta cena vá reaparecendo na ilustração dos Santorais (fig. 14)¹¹⁴, ela desaparece

¹⁰⁹ Ver <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/50/Schedelsche_Weltchronik_d_108.jpg>.

¹¹⁰ Reproduzo somente a imagem da direita de uma estampa dupla, com filete exterior único, e por isso unificante das duas imagens. Ver estampa total, v.g., em: Schramm, vol. 17, nº 113; TIB, vol. 86, 173, 2ª imagem da página; <<http://daten.digital-sammlungen.de/~db/0002/bsb00027260/images/index.html?seite=151>>.

¹¹¹ Assim baptizei o autor das entalhaduras do *FSlp.Lis.1513*.

¹¹² Como é o caso do Inc. 205, da Biblioteca Pública Municipal do Porto (abrev. BPMP)

¹¹³ [*Estoria de Mui nobre Vespasiano emperador de roma*], Lisboa, Valentino de Morávia [=Valentim Fernandes], 20 Abril 1496.

¹¹⁴ Isso acontece na oficina de Saragoça, até 1548. Mas também essa xilogravura alemã é copiada, em espelho, na oficina complutense de Juan de Brocar, e estampada no *Fs.Alc.1558*, f. 312 r. Neste caso, a Madalena da *Elevação angélica* está coberta por abundantes cabelos.

deste género literário em Portugal. Só reaparecerá, segundo as minhas investigações, na oficina lisboeta de Marcos Borges e possivelmente na de António Álvares (fig. 15). Neste caso, o entalhador toma como modelo a célebre estampa xilográfica de Alberto Dureiro (*Albrecht Dürer*), entalhada por volta de 1504-05,¹¹⁵ em que aparecem porém seis anjinhos, ao contrário da lisboeta. Esta aparece na primeira página de um folheto impresso em Lisboa, por Marcos Borges, intitulado *Summario das Indulgencias, Priuilegios, Conseruatorias, Indultos, Fauores, Letras & Graças, Spirituaes & Temporaes, concedidas (...) aos irmãos & Confrades da irrnãdade & cõfraria de Sancta Maria Magdalena, instituyda na Parrochial Ygreja da (...) Magdalena (...) de Lixboa (...)*, depois de 1579¹¹⁶; e será reestampada também em Lisboa, seguramente por [António Álvares], no ano de 1600 no *Itinerario da Terra Sancta...* do franciscano Fr. Pantaleão de Aveiro, no fólio [XII] depois das «taboadas»¹¹⁷.

Uma imagem variante deste episódio é aquela em que figura a Santa deitada encostada ao tronco de uma árvore, as mãos postas e com um crucifixo junto dela, ouvido o cantar de três anjos (*Ls.Sev.1568*, f. 109 a; *Fs.Sev.1568-69*, f. 209 v, est. dir. – ilustrando *Sta. M^a Egipcíaca*; *Fs.Sev.1572*, II, f. 188 r, est. esq.) (fig. 16).

Embora sejam representados como ilustrações dos Santorais ibéricos do séc. XVI outros dois episódios da legenda desta Santa, o da *Pecadora em casa da Simão*¹¹⁸ e o do *Noli me tangere* (*Fs.Med.1578*, II, f. 168 v., est. da dir.), não me deterei neles aqui. De entre as imagens icónicas da Santa, que também ilustram alguns deste livros, convém destacar, por causa da sua repercussão, aquela

¹¹⁵ TIB, vol. 10, 121 (141); Friedrich W. H. HOLLSTEIN, *German engravings, etchings and woodcuts ca 1400-1700*, Roosendaal & Amsterdam, Koninklijke van Pool & Menno Hertzberger, 1954? –, vol. 7, 192; GRABADOS ALEMANES de la Biblioteca Nacional (siglos XV-XVI), Madrid, Ministerio de Educación y Cultura – Biblioteca Nacional, © e D.L. 1997, 2 tomos, t. I (ISBN 84-8156-147-9), 277, cat. n.º 467 – <http://bibliotecadigitalhispanica.bne.es/view/action/singleViewer.do?dvs=1262115034949~773&locale=pt_PT&DELIVERY_RULE_ID=10&frameId=1&usePid1=true&usePid2=true>.

¹¹⁶ Madrid, Coleção Particular. A 1.ª página deste folheto foi reproduzida na revista *Reales Sitios*, Año XL, n.º 157 (3.º trimestre de 2003), 47. Agradeço ao proprietário a possibilidade de ver este folheto, através de Fernando Bouza Álvares, que gentilmente o transportou para a sala de leitura da Biblioteca do Palácio Real de Madrid, onde o pude estudar, com alguma alteração, por algumas horas.

¹¹⁷ Trata-se de uma estampa de página. Alberto FEIO, *Obras desconhecidas ou imperfeitamente descritas impressas em Portugal no século XVI*, Braga, Tip. do Arquivo Distrital, 1955, 16, identifica-a erroneamente como tratando-se de «a Assunção da Virgem». Claro que as duas representações iconográficas estão aparentadas, e a representação da Assunção de Nossa Senhora deve ter influído na da *Elevação da Madalena*.

¹¹⁸ Nos mesmos em que aparece a *Elevação angélica da Madalena*, e ao lado desta. A xilogravura representando a *Pecadora em casa da Simão*, aberta na oficina Complutense de Juan de Brocar, já tinha sido estampada, em 1522, na obra de Fr. Antonio de Aranda de Duero O.F.M., *Loores de la Virgen nuestra Señora... sobre la exposicion de las siete palabras que esta virgen hablo: conforme alo que los Euágelistas escriuê cõ la aplicaçio de cada uno de los siete dones...* (título abreviado: *De las siete palabras de la Santissima Virgen Nra Señora*), f. 133 – Blanca GARCÍA VEGA, *El grabado en el libro español. Siglos XV-XVI-XVII (Aportación a su estudio con los fondos de las bibliotecas de Valladolid)*, Valladolid, Institución Cultural Simancas, 1984, 2 tomos. (ISBN 84-505-0092-3), t. I, fig. 144, e t. II, 12, n.º 43.

em que ela é representada de pé junto da Santa Bauma, segurando um livro na direita e o vaso de perfumes na esquerda (*Ls.Tol.1554*, f. xciiii. [sic, aliás 104] (n8) *c*; *Fs.Med.1578*, II, f. 168 v., est. da esq.; *Fs.Vill.Zar.1585*, f. 193 *d*; *Hs.Lis.1585*, f. 266 *c*; *FsRos.Lis.1590*, f. 246 *c*). Também deixo para posterior artigo a análise pormenorizada destas imagens, evocando-as aqui tão somente para indicar que a que analisei não é a única.

2. Santos em peregrinação:

As três mulheres e um homem da história dos Quatro Santos Coroados Peregrinos.

2.1. O texto:

Este texto substitui, relatando a vida dos Quatro Santos Coroados Peregrinos, nas edições em castelhano e português, um outro em que se fala e Quatro Santos Coroados Escultores. Por faltar no exemplar único em português (*FSlp.Lis.1513*), conservado na Biblioteca Nacional de Portugal (abrev. BnP), em Lisboa, a primeira parte da legenda, reproduzi-la-ei a partir do texto em castelhano (*Ls.Bur.1499*), conservado na British Library, em Londres; continuando em português, numa segunda parte, logo que o texto aparece no exemplar da Biblioteca Nacional de Portugal.

«De vn cauallero & de su muger| & de su fijo: & de como fuerō llamados los quatro coronados [*Ls.Bur.1499*, f. 208 *c*]» [*FSlp.Lis.1513*, f. 163, no cimo, o título corrente: “Dos quatro coroados.”]

(1.) [Um cavaleiro moribundo pede ao seu mau filho que lhe prometa que, depois que ele morra, nunca dormirá debaixo do mesmo tecto que sua mãe]

«[U]N cauallero auia ã vna cibdat que tenia vna muger d' stã vida: & tenian vn fijo malo: & soberuio: & beodo: [e mal enseñado,]¹¹⁹ pero no a culpa d' su padre· & vino el padre ha adolecer del mal dela muerte· & cõ temor de morir llamo a su fijo: & dixo· *Fijo ruegote: que tu ayas la bēdicìõ de dios: & la* [*Ls.Bur.1499*, f. 208 *d* (fig. 11)] *mia: que me prometas vn dõ: que te quiero demãdar· & dixole el fijo· señor qual quiera cosa que me mãardes fare [yo] d' grado: por hauer vuestra gracia*, e vos seré obediente]. [E] dixole el padre: [*Pues*] *ruegote*[, fijo,] *que quando dios me ouiere leuado deste mũdo que jamas duermas so vn techo cõ tu madre: & enesto faras*

¹¹⁹ Texto acrescentado em *Ls.Sev.1520-21*. São muitos, como veremos, os acrescentos esclarecedores que a edição sevilhana faz. Esses acrescentos foram colocados por mim entre parêntesis rectos.

seruicio a dios: & cobraras la mi bēdiciō. [Y] dixo el fijo: [i] como padre[?] E] mi madr' no tiene otro fijo sino a mi: & despues de vos ydo deste mūdo quien la seruira: & onrrara mejor que yo en¹²⁰ todas las cosas segū dios māda¹²¹. E dixo el padre: el señor la proueera d'la su misericordia [e del su bien]. porēde otorgame lo que te demādo| el fijo otorgole lo que le pedia: & dixo: padre cūplase la tua volūtat.»

(2.) [O filho vai-se embora, volta à sua aldeia para um casamento, é retido em casa por sua mãe, embriagado viola-a e deixa-a grávida]

«& el padre finado: & sepultado: el fijo por cumplir el mādado d'l padre partiose dēde para vn lugar: que quedo de su padre. E a cabo de tiempo en aquella cibdade a dōde fino su padre [e morava su madre]: faziā vnas bodas vnos sus pariētes del moço: & fuerōlo a cōbidar: que veniese a ellas a les fazer hōrra: ca hera muy plazētero [hombre]: & vino a ellas: & estuuu alli fasta la noche. & el estādo cenando cōla madre [en la noche]: acordosele la postura [= pacto] que pusiera cō su padre: & dixo ala madre. Señora quiero me yr para mi posada: que [f. 209 a] no quiero dormir aqui esta noche. E dixo entonces la madre: fijo no es tiempo que partas de aqui a tal hora: ca no sabes quien te quiere mal ni biē: porēde fuelga [= descansa] & toma plazer. E tāto porfio cōel que ouo de quedar: & como estaua cō mucha vianda: & cō vino: & el plazer delas bodas: & el echado en su cama: leuātose de noche & fuese para la cama d' su madre: & por fuerca & a pesar d' su madre ouo que auer cōella: ē manera que ella quedo preñada d'l [ca nunca pudo se defender] tal yua cōel vino: & conel diablo que le ayudaua enel mal: & cōtra la postura de su padre.»

(3.) [O jovem percebe o que fez, abandona tudo o que possui e vai para Roma onde muda de costumes, e coloca-se como mordomo de um cardeal]

«E ala mañana leuātose [e vio] & entēdio como el diablo lo auia engañado E desamparo [= abandonou] todo lo suyo: & dio consigo en roma al papa para auer penitencia se sus pecados cō grād dolor de su coracon & alla comēco d' pēsar & dezia. quando mi padre era viuo yo era harto soberuio & fazia mucho mal: & cō mi

¹²⁰ «eu», no texto – gralha clara do tipógrafo.

¹²¹ «mādo», no texto – gralha clara do tipógrafo.

padre & cō mis pariētes passaua cō[=obtinha]lo que queria mas agora que soy en tierras agenas conuieneme de ser humildoso. ca si quiero fazer locura no me lo cōsentirá. cada vn gallo cāta en su muradal [=muladar]. & llegose luego a vn cardenal delos mas priuados d'l papa: & como lo vio el cardenal muy sutil: & biē fablado: & buen seruidor: & leal: fizolo su camarero & mayordomo: & fauā del quanto auia en la casa. E todos los dela corte lo queriā biē: & lo conosciā por [muy] leal & bueno. E era muy allegado al papa:»

(4.) [Passa-se muito tempo, e o jovem confessou todos os pecados menos aquele. Sua mãe conta reservadamente toda a história à filha nascida da violação, que tem já 17 anos, e põem-se de acordo em ir a Roma fazer penitência]

«& auia grād tiempo que estaua en la cibdad: & aun que cōfessaua muchos pecados nūca cōfessaua este. E vino a morir el cardenal cō quiē viuia. Eneste medio la madre del pario vna fija dela qual era preñada quando el se fuera a roma. E auiendo ya la moça ·xvij· años que entendia ya. fablo la madre cōella en poridad [=segredo]: & cōtole el pecado en que cayera: & cōto'gelo segun suso [=acima] es dicho: & dixo ala fija. [f. 209 b] *Uamos a roma a tomar penitencia de nuestros pecados que son malos & feos.* & dixo la moça. *Señora vamos a dōde vos mandardes.*»

(5.) [Vão parar à mesma pousada que o filho, e não se reconhecem. O filho enamora-se da filha e irmã, casa-se com ela, tem uma filha dela, e vivem assim outros 17 anos]

«E tomarō amas su camino para roma:¹²² & llegādo alla pregūtādo por el meson: por acaso fueron a posar en casa de su fijo: & no se conosciéron unos a otros. E aquella moça era fermosa: & d' buen parecer: & estādo ay algunos días [en aquella casa]: el mâcebo se pago (=agradou-se') [mucho] dela moça: & dixo a su madre que gela diese en casamiēto: & que le daria muchas joyas & muchos bienes] E dixo la dueña. Fijo por dios no querays fazer escarnio d' nos: ca mugeres somos de alta sangre aun que estamos agora asi: por que nos somos venidas aqui por fazer penitēcia de nuestros pecados. & dixo el mâcebo. *señora no hos lo digo por escarnio sino*

¹²² Esta frase está ausente em *Ls.*Sev.1520-21.

de verdad: & buscad vn clerigo que nos despose. E vino el clerigo: & desposolos: & fizierō luego sus bodas: & ouo enella vna fija: en aquella que era su fija & su muger: & su hermana. E asi durarō eneste pecado otros ·xvij· años [que nasciera esta otra hija que hiziera en Roma].»

(6.) [A mãe pede ao filho que a apresente ao Papa, a quem agora serve, para se confessar. A sua confissão é tão clamorosa que o filho a escuta, reconhece a mãe e chora]

«E a cabo destes diez y siete años: dixo la dueña a aquel su fijo. *Fijo vos que soys tã allegado*¹²³ *al papa tened por biẽ de me presentar ante el: por que nos quiera oyr de penitẽcia.* Ca despues que el cardenal con quien viuia murio: tomolo el papa para si por las bondades que enel auia| & leuolas[sic] luego ante el papa. E ella comẽco a confesar sus pecados: & por fazer grand reuerẽcia a dios comenco a dar muy grãdes bozes: contando al papa todo quanto le auia cõticedo d' comienco d' su peccado: en manera d' confession| & el mãcebo su fijo[, como estava un poco apartado.] oyo todo quanto dezia su madre al papa: por lo qual conosció ser ella su madre & tomo grãd pesar [por ello,] por que auia [puesto e] añadido mal sobre mal: & peccado sobre peccado: & lloro mucho d' sus ojos con grand cõticion & gemido d' su coracõ.»

(7.) [Mãe e filho, depois de se reconhecerem, voltam ao Papa e este impõe-lhes que os quatro vão em peregrinação a Santiago, nus da cintura para cima e se morrerem pelo caminho dá por perdoados os seus pecados. Eles partem]

«[Ls.Bur.1499, f. 209 c: “E despues que se cõfeso la buena dueña vinose para su fijo y su yerno. & el apartola: & dixole. *digo vos por cierto: que yo soy vuestro fijo: & vos soys mi madre: & aquella que yo tengo por muger: es mi hermana: & mi fija.* E auiedo su consejo tornarõse luego enese momẽto al papa a cõfesarse todos. E el papa oyẽdolos mãdoles en nõbre de penitẽcia entẽdiendo sus grandes peccados: & muy suzios: & feos: que se fuesen todos quatro en romeria a sant|iago: desnudos dela cinta arriba: & que si muriesen enel camino: que los daua por perdonados: &

¹²³ «allegado», no texto – gralha clara do tipógrafo.

absueltos: d' todos sus peccados. & ellos partieró luego de roma para yr su romería:»

(8.) [Na volta da dura romaria/peregrinação, chegam a uma aldeia onde um homem acolhia por caridade os peregrinos, mas tinha uma mulher bêbeda]

«& los de la cibdad quando los uieró asi desnudos: fueron marauillados: mayormête por ser tan allegados al papa: & salieró: & fueróse su camino [a su romería] por grâdes nieues: & frios: & aguas. E ala tornada de su romería: veniêdo por el camino adicha tomolos la noche en vna aldea: enla qual moraua vn ombre [bueno muy] rico que acogia a los pobres por amor de dios: por complir las obras de misericordia. E este buen ombre tenia vna muger muy amiga del vino: que cada dia se embriagaua: & entrâdo los romeros por el aldea muertos de frio: & [muy] cansados. & aquella muger estâdo biê beoda: cõ otras sus bezinas: dixo por los romeros. *Uedes aqui donde vienē quatro diablos muy feos*: & ellos preguntâdo por el meson: amostraróles la casa deste buê ôbre: & fueró alla: & dixerón ala muger que les diese posada: por amor sde ihũ xpõ.»

(9.) [A mulher bêbeda insulta-os, mas chega o marido que a obriga a acolhê-los. O marido ausenta-se, e ela encerra-os numa pocilga molhada]

«& ella mostroles mala volûtat con su vino: maldiziêdolos [de su boca] . & las vezinas d'ziâle que los acogiese: que asi fazia su marido: & nũca lo quiso fazer: ni pudieron conella. E estâdo asi allego el buê hombre: & dixo a su muger que los acogiese: & [f. 209 a] que les diese d' comer: & los pusiese ala lûbre: & ella metiolos [*FSlp*.Lis.1513, f. 163 a] em casa com maa vôtade. & o boô homê foyse folgar cõ seus vizinhos & amigos¹²⁴. & elle tardâdo muyto que nõ tornou a sua casa a maa molher nõ fez nada do que seu marido lhe mãdara nê lhes deu nêhũa consollaçõ & os fez emtrar em hũa pocilga de porcos que estaua toda molhada & os eçarrou dentro cõ chaue¹²⁵.»

(10.) [Os romeiros/peregrinos fazem oração, a mulher bêbeda vai-se deitar e o marido tem que entrar em casa pelo telhado]

¹²⁴ Texto que também aparece na *Ls*.Sev.1520-21: «con sus amigos e vezinos» (ed. CABASÉS, 2007, 534 b); não figurando na *Ls*.Bur.1499. Trata-se de um acrescento explicativo, como os que vimos atrás, na transcrição que fiz do texto da *Ls*.Bur.1499.

¹²⁵ Também na *Ls*.Sev.1520-21: «y encerrólos dentro con llave» (ed. CABASÉS, 2007, 534 b); mas não na *Ls*.Bur.1499.

«E os romeiros como entraram mortos de fryo & molhados foysse cada huū delles a seu canto da pocilga fazer sua oraçã a d's. E tomãdo todo en paciência & por saluar suas almas. & elles bẽ emcerrados foysse a maa molher deytar em sua cama. & quãdo veeo seu marido chamou aa porta. & ella de como estaua cõ vinho nõ ouuia chamar nõ respondeo. & ajutarõse todos os vizinhos ao chamado que elle fazia empero ella nõ acordou atee que emtrarõ cõ escadas pollo telhado. & foysse ho boõ homẽ deytar na cama cõ sua molher. & ella cõ o vinho que estaua nella nõca sentyo nada.»

(11) [Passada a meia-noite, o marido pergunta pelos romeiros, a mulher diz-lhe que os fechou na pocilga, vai o marido libertá-los e encontra-os mortos]

«E passada a mea noyte ho boõ homẽ pregõtou pollos romeiros en que logar jazia¹²⁶. respõdeo ella *quaes romeiros*. respõdeo o boõ homẽ. *Aquelles que estauã aqui a nocte que te mãdey apousentar nõ te lêbra*. & quando se acordou disse que os metera na pocilga dos porcos. & disse ho boõ homẽ. *O falsa treedora*. E leuantouse logo & tomou as chaues & foy apressa quãto pode & abriolhes & chamouos & nõ respõderõ & emtrou cõ hũa cãdea que leuaua & achouos mortos cada huū a seu cãto com as maãos juntas contra o ceeo & hos gijolhos fincados. E quãdo os vyo o boõ homẽ começou de se carpir muyto sobre elles porque assy morrerõ & en tal logar & tomou [‘consigo muy’]¹²⁷ grande pesar & tristeza¹²⁸.»

(12.) [Enquanto o bom homem pensa como enterrá-los aparece-lhe um anjo, que o manda levá-los a Roma ao Papa num carro de bois]

«E quãdo amanheceeo poseos ẽ huū leyto pera os enterrar & lhes fazer honrra. E passouse assy este dia & elle dormindo em sua cama cuydaua como & em que maneyra lhes desse sepulturas & veo o anjo de d's a elle dizendolhe que ẽ maneyra nenhũa do mũdo emterrassse ẽ aquelle logar onde elle cuydaua. mas que os leuasse ẽ seus boys & ẽ seu carro aa cidade de roma: & os apresentasse ao papa & que os leuariã¹²⁹ sem trabalho nõhuũ.»

¹²⁶ «jazia», no texto – gralha clara do tipógrafo.

¹²⁷ Entre [‘’] as palavras acrescentadas no texto de *Ls. Sev. 1520-21* ao português.

¹²⁸ Também na *Ls. Sev. 1520-21*: «*tomõ consigo muy gran pesar e tristeza*» (ed. CABASÉS, 2007, p. 535 a); mas não na *Ls. Bur. 1499*.

¹²⁹ «lenariã», no texto – gralha clara do tipógrafo.

(13) [Quando se aproxima de Roma, todos os sinos tocam por si próprios. O Papa apercebe-se de que morreu um santo, e não no encontrando em Roma saem para fora e encontram o bom homem que traz os corpos. Apresenta-os ao Papa e conta a história da sua morte]

«E quádo chegou có elles a roma polla graça de d's to-[f. 163 *b*] dos os sinos se tangeró por sy mesmos. ca em aquelle tẽpo quádo se finaua alguũ homẽ sancto ou vinha de fora logo se tangiã hos sinos por graça de d's. E quádo o papa ouuyo os sinos emtẽdeo que algũ sancto homẽ era finado na cidade: & nõ o achãdo dentro mãdou sayr fora & que pregütassem porque se tãgiam os sinos. & logo sayró fora & virom aquelle boõ homẽ que trazia aquelles sanctos corpos em seu carro com seus bois. E emtrou polla cidade atee que chegou aos paaços do papa. & apresentou os sanctos ante o papa como lhe mãdara o anjo E disse o boõ homẽ ao papa. *Senhor estes santos homẽs morrerõ em minha casa. tal nocte & cõtoulhe todo por ordẽ como elles morrerom*»

(14.) [Uma voz anuncia ao Papa que se trata dos quatro penitentes enviados a Santiago, e que eram santos. Descubrem--nos e acham-lhes as cabeças coroadas com coroas de ouro e pedras preciosas]

«E estãdo nesto ouuio o papa hũa voz do ceo que lhe disse que aquelles erã hos homẽs que elle emviara em penitẽcia a santiago nuus da cintura pera cima & como erã sanctos diante de d's polla penitẽcia que tomaró & acabaró nella com boõa contricã. E o papa quádo esto ouuyo elle & os cardeaes & outros homẽs de boõa vida que estauã hy tiraró hos sctõs do carro muy onestamẽte có grãde procissam & os descobriró & acharó que tinha cada huũ d'lles hũa coroa de ouro na cabeça có pedras preciosas & cheyrauã como sanctos. E por esta razã os chamaró quatro coroados.»

(15.) [O Papa sepulta-os, e prediz ao bom homem que, quando regressar a casa, os diabos lhe levarão a mulher, pelo que não valerá a pena oferecer sufrágios por ela]

«& o papa os sepultou por sua mão hõrradamente cada huũ em seu muymento & aos cardeaes & aquelle boom homẽ que hos trouxe em seu carro logo ho papa os absolueo de todos seus peccados. E disse ho papa ao boõ homẽ que quádo chegasse a sua casa que emtrando polla porta que logo morreria sua molher & que lhe

leuariã os diabos o corpo & a alma no fundo do inferno & lhe mádou que nom fizesse bem nêhuũ pola sua alma ca nõ lhe prestaua [=ajudava] nada porque morria em peccado mortal & sem cõfissom| pois nõ ouuera misericordia dos proues que menos a averia d's della. Ca assy o diz sancto agostinho. *que o que nõ he misericordioso nõ merece misericordia.*»

(16.) [Regressado o bom homem a casa, os diabos levam-lhe a mulher e ele acaba a vida em boas obras]

«E o boõ homẽ foysse com seus boys & cõ seu carro. & como êtrou polla porta d' sua casa: logo morreo sua molher. E vyo elle & outros que hy estauã ao tempo da morte que hos diabos leuarõ a [f. 163 c] sua alma cõ muy grãde fedor & arroydo ao iferno. E o boõ homẽ ajnda des pois polo que vyo dos homẽs sanctos & das honrras que ouuerõ por maão do papa & dos sinos que ouuiu tãger & de como hya absolto de seus pecados: & de como vyo hijr a alma d' sua molher cõ os jmijgos maaos se atee hy fez bẽ por serviço de d's muyto mais fez de hy adiatẽ & acabou bẽ sua vida ã serviço de d's.»

2.2. As ilustrações:

Finalmente, analisemos a estampa que ilustra a legenda dos *Quatro Santos Coroados* Peregrinos, expiando a relação incestuosa, que o homem, primeiro sob os efeitos do vinho e depois sem o saber, manteve com duas das três mulheres (a mãe estuprada e a filha-esposa), sendo a terceira (a filha-neta) vítima inocente.

Ao contrário das anteriores, não existe modelo próximo para esta composição. Também, diferentemente dos casos anteriores, as mulheres só estão nuas da cintura para cima, como no fresco de Balsamão. Na verdade, como referi antes da transcrição do texto, a legenda que vem na *Legenda Áurea* é totalmente diferente, embora com o mesmo nome.¹³⁰ Na *Legenda Áurea* fala-se dos *Quatro Santos Coroados* Escultores, Mártires.¹³¹

Dada a substituição do texto, as ilustrações que aparecem nas edições lionesas referem-se, naturalmente, à legenda dos *Quatro Escultores*, só existindo ilustrações adequadas à nova legenda nas edições em castelhano e em português da *Legenda Áurea*, com uma excepção, que reputo de grande importância, como veremos.

¹³⁰ Sobre esta substituição e sua posteridade no romance de cordel (*pliego suelto*) está a trabalhar José Aragüés Aldaz.

¹³¹ [Beato Fr.] TIAGO de VORÁGINE [O.P.], *Legenda Áurea* (trad. portuguesa do original latino de António Maia da ROCHA, a partir da ed. crítica de Giovanni Paolo MAGGIONI), Porto, Livraria Civilização Editora, 1 Novembro 2004 (ISBN 972-26-2127-0), 2 tomos, t. II, 262 (8 de Novembro).

Só chegaram até nós duas estampas dos *Quatro Peregrinos* que se assemelhariam à que foi estampada seguramente no nosso *FSlp.Lis.1513*, as estampadas na *Ls.Bur.1499* (f. 208 *d*) e no *Fs.Sev.1540* (f. 462 *a*).

O livro que habitualmente serve de inspiração ao entalhador das xilogravuras representando Santos estampadas no *Fs.Sev.1540*, e, por sua vez, copiadas pelas que são impressas na *Ls.Burgos.1499*, é, como vimos, a *LaS.Lyo.1486*. Ora a estampa que ilustra a legenda 140 dessa edição lionesa (ver fig. 17), corespondente aos *Quatro Santos Coroados*, representa os *Quatro Escultores*, como era de esperar. Esta mesma entalhadura será reestampada na edição da *Legenda áurea* em catalão saída em Barcelona, a 1 de Fevereiro de 1494, da oficina de Joan Rosenbach (*FsR.Bar.1494*), ilustrando a mesma legenda dos *Quatro Escultores* (fig. 17).

Ora o que é curioso é que essa mesma legenda dos *Quatro Escultores*, incluída na compilação de Fr. Pedro de la Vega, seja ilustrada, na edição sevilhana de 1540 realizada por Juan Cromberger (o *Fs.Sev.1540*), por uma estampa representando os *Quatro Peregrinos* (fig. 19), semelhante à que ilustra a *Ls.Burgos.1499* (fig. 18). Este facto insólito mais reforça a minha hipótese de que o jogo de xilogravuras utilizado por Juan Cromberger nesta edição de 1540 tenha sido entalhado para uma edição anterior à *Ls.Bur.1499* e que esta tenha copiado. Ora, dado que Juan de Burgos costuma copiar edições de Paulo Hurus, tudo leva a crer que essa obra anterior copiada em Burgos tenha sido uma das que saíram dos prelos saragoçanos de Paulo Hurus em 1490 e 1492 e das quais não subsiste qualquer exemplar. Essa estampa xilográfica seria muito semelhante, se não a mesma, que foi estampada em Sevilha, em 1540 por Juan Cromberger (fig. 19).

A utilização da imagem dos *Santos Pergrinos* para ilustrar a legenda dos *Santos Escultores*, uma história que nada tem a ver com os personagens representados, parece-me poder corroborar a hipótese que formulo de que Juan Cromberger utilizou nesta edição um jogo de matrizes xilográficas abertas uns 50 anos antes em Saragoça, na oficina de Paulo Hurus. Como sabemos, não era rara a longa sobrevivência do material iconográfico, como se pode comprovar pela reutilização comprovada de uma metalogravura entalhada em Colónia e utilizada uns 50 anos depois em Sevilha por [Juan] Varela e Juan Cromberger¹³²

¹³² Clive GRIFFIN, *Los Cromberger. La historia de una imprenta del siglo XVI en Sevilla y Méjico*, Madrid, Ediciones de Cultura Hispánica, 1991 (ISBN 84-7232-621-7), 236 e 257. Na 1ª referência, 236, nota 19, cita James P[atrick] R[onaldson] LYELL, *Early Book Illustration in Spain*, London, Grafton & C^o Coptic House, 1926, 168 = IDEM, *La Ilustración del Libro Antiguo en España* (edição, prólogo e notas de Julián MARTÍN ABAD), Madrid, Ollero y Ramos, 1997 (ISBN: 84-7895-067-2.), 214. Na 2ª referência, cita Arthur M. HIND, *An introduction to a history of woodcut with a detailed survey of work done in the fifteenth century*, New York, Dover Publications, 1963, I, 194.

Como acontecia com a imagem de *Santa Maria Egipciaca*, também o modelo saragoçano(?)/sevilhano e burgalês é copiado pela entalhadura estampada na *Ls.Sev.1520* (fig. 20), cujo único exemplar se conserva em Loyola, no fólio 169v. O entalhador de xilogravuras da oficina sevilhana de Juan Varela, possivelmente já para a edição, perdida, de 1511, deve ter copiado livremente as estampas saragoçanas impressas numa das edições da *Leyenda de los santos* saídas dos prelos de Paulo Hurus, entre as quais estaria o modelo da presente estampa. Não nos esqueçamos que as xilogravuras relativas à Paixão de Cristo que figuram na edição conhecida de Juan Varela da *Leyenda de los Santos*, a de 1520-21 (*Ls.Sev.1520-21*), segue muito de perto, simplificando-as, as que são estampadas nas obras saídas dos prelos da oficina saragoçana, algumas das quais não serão retomadas por Fradique de Basileia nas suas impressões de 1493 (?). Estas xilogravuras do ciclo da Paixão impressas por Juan de Varela estarão na origem, por sua vez, de muitas das ainda mais simplificadas entalhadas pelo ‘Mestre do Vespasiano’ para o *FSlp.Lis.1513*¹³³.

Posteriormente à imprensa na *Ls.Sev.1520-21*, só conheço duas estampas xilográficas com este tema. São as que ilustram a *Ls.Tol.1554*, no fólio 165 *b* (fig. 21); e a *Ls.Sev.1568*, no fólio 173 *b* (fig. 22). Nelas, os quatro personagens estão figurados caminhando, e não parados como nas anteriores. Na primeira, eles chegam a um povoado; na segunda, rezam o rosário, pelo caminho, no campo.

Conclusões

O texto do *FSlp.Lis.1513* parece estar entre o da *Ls.Bur.1499* e o da *Ls.Sev.1520-21*, surgindo nele já muitos dos acrescentos explicativos desta última edição. É particularmente interessante o caso dos acrescentos realizados na legenda dos *Santos Coroados* Peregrinos.

Quanto às ilustrações do *FSlp.Lis.1513* e suas congéneres anteriores da *Ls.Bur.1499* formulo a hipótese de elas derivarem de um modelo comum que teria sido impresso nas primeiras edições da tradução da obra do Beato Jacobo de VoráGINE O.P. em castelhano, da autoria de Fr. Gauberto Fabricio de Vagad O. Cist., realizadas em Saragoça, na oficina de Paulo Hurus, em 1490 e 1492, das quais não sobrevieram nenhuns exemplares. As xilogravuras aí impressas terão sido adquiridas pela oficina sevilhana de Meinado Ungut e Estanislaw Polono

¹³³ Esta é uma hipótese que me surgiu quando preparava este texto, devido a ter tido acesso pela primeira vez à visualização da totalidade das estampas incluídas no exemplar de Loyola (*Ls.Sev.1520-21*), mercê da publicação de Félix Cabasés S.J. Na verdade, muitas das soluções adoptadas pelo «Mestre do Vespasiano» parecem ter nestas xilogravuras sevilhanas a sua origem, possivelmente já estampadas na edição perdida de 1511. À análise pormenorizada e mais detida das estampas do ciclo da Paixão do *FSlp.Lis.1513* espero consagrar uma publicação num futuro próximo, retomando o que encetei, debravando o terreno, como nela precisamente afirmo, na minha tese de doutoramento: Fr. António-José de ALMEIDA O.P., *Imagens de Papel...*, 238-290.

por volta de 1497. Daí terão passado para a posse dos Cromberger, herdeiros dessa oficina, e estampadas por Juan Cromberger na edição de 1540 do livro chamado *Vida de Jesu Cristo y de sus Santos* compilado por Fr. Pedro de la Vega O.S.H. (*Fs.Sev.*1540). Efectivamente, o herdeiro da oficina saragoçana de Paulo Hurus, Jorge Coci, imprimiu, em 1516 a primeira de muitas edições da referida compilação de Fr. Gonzalo Ocaña O.S.H., prior do Mosteiro de Santa María de la Sisle, perto de Toledo (*Fs.Zar.*1516), continuada por Fr. Pedro de la Vega, da mesma Ordem. Ora nessas edições, embora apreçam xilogravuras relativas à Paixão já anteriormente estampadas em obras dessa oficina, como o *Tesoro de la Pasión* de Andrés de Eli (1494) e a *Viaje de la Tierra Santa* de Bernhard von Breydenbach (1498), copiadas em Burgos, Sevilha e Lisboa, das ilustrações relativas aos Santos copiadas mais de perto em Burgos e Lisboa não aparece nenhuma. Elas foram substituídas pela estampagem de um jogo de xilogravuras oblongas, algumas duplas, provindas da oficina de Anton Koberger em Nuremberga, sendo pois dispensável o jogo de entalhaduras que anteriormente terá sido impresso na capital aragonesa. Mas a reimpressão, em 1521, por Jorge Coci, de uma xilogravura representando a *Elevação angélica de Santa Maria Madalena* de origem lionesa levou-me a perguntar se essa reutilização de uma matriz antiga não estar ligada ao facto de nessa altura o jogo de xilogravuras de Santos, estampadas nas primeiras edições saragoçanas da *Leyenda de los Santos*, mais pequenas, não teria já desaparecido da oficina. Essa matriz lionesa pode muito bem ter ido lá parar provindo de Barcelona, onde encontramos a sua estampagem em data anterior. O curioso está em ela ter sido modelo da que terá sido entalhada em Saragoça e passado depois a Sevilha, sendo estampada no *Fs.Sev.*1540.

Resumindo a minha tese sobre o jogo de matrizes xilográficas representando os Santos estampadas no *Fs.Sev.*1540. Estas xilogravuras teriam sido entalhadas em Saragoça, na oficina se Paulo Hurus, por um hábil entalhador contratado por este impressor. Passo a chamá-lo «Mestre do *Flos Sanctorum* (de 1450)». Teriam sido estampadas nas duas primeiras edições (perdidas) da *Leyenda de los Santos* (abrev. *LS*) impressas em Saragoça, na referida oficina tipográfica de Paulo Hurus, em 1490 e 1492. Teriam sido copiadas em Burgos, na oficina de Fadique de Basilea e eatampadas primeiro na edição (hipotética) de 1493 da mesma *LS*, e dpois na da ca. 1499-1500, realizada por Juan de Burgos (?), existente na BL. Entretanto, o jogo de matrizes dos Santos do Mestre entalhador saragoçano teriam passado para Sevilha, para a oficina de Meinardo Ungut e Estanislaio Polono¹³⁴, e de que Jacobo Cromberger será herdeiro, tendo passado

¹³⁴ Estabelecidos nessa cidade desde a segunda metade do ano 1490 – B. GARCÍA VEGA, *El grabado en el libro español...*, t. II, ed. cit., 105.

para seu filho Juan, que empreende a impressão desse *FS* renascentista, mas com estampas xilográficas seguramente entalhadas para e impressas primeiro numa *LS*. Parece corroborar esta minha hipótese a estampagem no rosto de um livro saído desta oficina sevilhana em 1512, quando era dirigida por Jacobo Cromberger, da xilogravura representando S. Jerónimo (WC:26)¹³⁵, que será reestampada no *Fs*.Sev.1540 (f. 413 *d*)¹³⁶.

O «Mestre do Vespasiano», cujas estampas da Estoria de Vespasiano (Lisboa, 1496), donde lhe provém o nome, tinham sido copiadas três anos depois em Sevilha, por Pedro Brun, em 1499,¹³⁷ inspirou-se grandemente para o ciclo da Paixão em xilogravuras estampadas por Juan varela (em 1511?), na sua edição da *LS*, mas não no que diz respeito aos Santos, em que se inspira nas estampadas por Juan Cromberger em 1540. Um exemplar de uma das edições da *LS* de Saragoça deve ter existido em Sevilha, copiada na oficina de Juan Varela mutto de perto no que diz respeito ao ciclo da Paixão, mas nem tanto quanto aos Santos. Por certo, Juan Varela encomendou o trabalho de entalhe das matrizes por ele usadas a dois entalhadores diferentes, dada a urgência em imprimir livros com figuras em Granada, onde esteve, ao serviço de D. Fr. Hernando de Talavera O.F.M, arcebispo dessa cidade recém conquistada, de 1504 a 1508, deslocando-se várias vezes a Sevilha. As xilogravuras impressas em 1511 na sua edição da *LS* podem ter sido entalhadas antes da relação que estabeleceu, em 1508, com Jacobo Cromberger, o patriarca dos Cromberger de Sevilha, quando comprou a meias com ele umas casas em Sevilha. Casará a filha Inés como neto de Jacobo e filho de Juam Cromberger, Jácome Cromberger.¹³⁸

Seja como for, Juan Cromberger estampará em 1540 as xilogravuras entalhadas, segundo creio, em Saragoça, por volta de 1490, para ilustrar a *LS*. Só assim se explica a estampagem da entalhadura dos *Santos Coroados Peregrinos* para ilustrar a legenda dos *Santos Coroados Escultores*. Não estampa a xilogravura icónica de S. Francisco de Assis que faria parte desse jogo de matrizes, mas uma Estigmatização do Santo de Assis, que é repetida para ilustrar as legendas de outros Santos frades franciscanos. Quanto à estampa ilustrativa da legenda de S. Luís rei de França, esta vem com as flores-de-lis do manto desbastadas, coisa que

¹³⁵ Sigla utilizada por Clive GRIFFIN, *The Cromberger of Seville. History of a Printing and Merchant Dynasty*, Oxford, Clarendon Press, 1988, Appendix 3, Microfichas, *1331.

¹³⁶ Refiro-me ao *Speculum ecclesie cum multis additionibus*, da autoria do Beato Hugo de San Caro O.P., acabado de imprimir em Sevilha, por Jacobo Cromberger, a 17 de Dezembro de 1512. – <http://fama.us.es/search~S5*spj?/cA+336%2F015/ca+336+015/1,1,1,E/1856-b1518555&FF=ca+336+015&1,1,1,1,0/startreferer//search~S5*spj/cA+336%2F015/ca+336+015/1,1,1,E/frameset&FF=ca+336+015&1,1,1,1,0/endreferer/>.

¹³⁷ Artur ANSELMO, *Los Origenes de l'imprimerie au Portugal*. Braga, Barbosa & Xavier, Février 1983, 409.

¹³⁸ Julián MARTÍN ABAD, *Los primeros tiempos de la imprenta en España (c. 1471-1520)*, Madrid, Ediciones del Laberinto, © e DL 2003 (ISBN 84-8483-086-1), 57.

não aconteceu nas cópias impressas na *Ls.Bur.1499* e no *FSlp.Lis.1513*.

Esta é uma hipótese de trabalho, que pode ser confirmada ou infirmada por investigações posteriores.

Ao falar aqui do *Fs.Sev.1540* e das suas relações com as xilogravuras entalhadas em Saragoça na oficina aí estabelecida por Paulo Hurus, não posso deixar de referir uma imagem que faz parte das minhas pesquisas actuais¹³⁹. Nesta obra figura a estampagem de uma entalhadura, representando uma *Trindade trifacial* com *scutum fidei* rodeada pelo tetramorfo (fig. 24), que é cópia muito fiel (das mesmas dimensões, 88x66 mm.) de uma outra estampada pela 1ª vez na oficina de Paulo Hurus em 1494 (fig. 23a), como noticiei no meu artigo para as *Actas do IV Congresso Internacional de Cister em Portugal e na Galiza*, realizado em Braga e Oseira nos dias 1,2 e 3 de Outubro de 2009. Essa entalhadura reestampada, quando a oficina já está dirigida por Jorge Coci, na 1ª edição do *Flos Sanctorum* renascentista¹⁴⁰, em 1516 (88x66 mm.) (fig. 23b), mas será substituída por outra (fig. 26) na 2ª edição desta obra, de 1521 (*Fs. Zar.1521-33*, 1ª parte, fol. 109), que depois será reimpressa em todas as edições saragoçanas desta obra – estampa bastante mais pequena (63x41 mm.), pelo menos até à edição de 1548 (BnP). Na 1ª edição da 1ª Parte do *Flos Sanctorum* de Villegas será estampada uma entalhadura (fig. 25) copiada da que foi impressa na oficina saragoçana desde Paulo Hurus em 1494 a 1516, já por Jorge Coci, mas de dimensões um tudo nada mais pequenas (82x61).

A figura de mulher deitada, despida da cintura para cima, que foi desoberta na igreja do santuário de Balsamão (fig. 1), parece poder identificar-se com uma santa penitente, dado o tipo de penitência medieval consignado na legenda dos Santos Coroados e o costume de representar as Santas Marias penitentes (a Egipcíaca e a Madalena) na posição alongada, no interior de uma gruta.

A representação da Madalena só coberta só com um manto tapando o corpo da cintura para baixo é comum nos finais do século XVI. Vejam-se, por exemplo, dois casos, em que ela assim aparece, embora não deitada, como no fresco basamanense: em Portugal, a tela (207x134 cm.) que Francisco Venegas, (?-1594) pintou a óleo, por volta de 1590, óleo sobre tela para a Igreja da Graça, em Lisboa¹⁴¹; e, na vizinha Espanha, os dois relevos em madeira dourada

¹³⁹ «A representação de Deus *uno e trino*», tema do programa de investigação de pós-doutoramento que desenvolvo actualmente, mercê de uma bolsa concedida para o efeito pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

¹⁴⁰ Assim designa José ARAGÜÉS ALDAZ os *Flores Sactorum* compilados pelos monges jerónimos Fr. Gonzalo de Ocaña e Fr. Pedro de la Vega, em *Tendencias y realizaciones en el campo de la Hagiografía en España*, art. cit., e em *Para el estudio del Flos Sanctorum Renacentista (I)*, art. cit.

¹⁴¹ Reprodução, v. g., em: MONJAS DOMINICANAS do LUMIAR (coord.) *Monjas Dominicanas: presença, arte e património em Lisboa*, Lisboa, Alêtheia Editores, Dezembro de 2008, 141; e em: <http://www1.ci.uc.pt/artes/gssp/imagens/venegas_madalena1.jpg>.

e policromada (116x58x5, cada um), atribuídos a Juan de Arriaga o Artega, do último quatel do séc. XVI, existentes na igreja paroquial de San Miguel Arcángel, em Caltojar (Sória)¹⁴².

No caso da Egipcíaca, a tradição manuscrita de Alcobça refere a dádiva do manto por parte de S. Zózimo, no qual a Santa se envolveu¹⁴³:

«E logo [Zozimas] desvistyo huũ pano mui velho que trazia e lançou-lho [a M^a Egipcíaca], cõ a face tornada a outra parte. E ella tomou-o e cingê-o arredor de sy, assy como pôde, e cobryo a parte necessarya do corpo e teve mentes ao santo homẽ (...)» (Versão V – Alcobacense CCLXVI/Livraria 2174)

«E el [Zozimas], com a face atras tornada enviou-lhe huũ pano muyto velho que tragia vestido com que cobrisse sua vergonça. Ella tomou-o e cingê-o arredor de sy e cobryo a parte necessaria de seu corpo. E teve mētes ao sancto homẽ (...)» (Versão W – Alcobacense CCLXX/Livraria 771)

Formulo aqui a hipótese de se tratar de Santa Maria Egipcíaca, a santa penitente no deserto, devido à intercessão de Nossa Senhora, a quem a nossa ermida é dedicada, e a quem a nossa santa constantemente invocava, no meio das tentações.

Transcrevo, em seguida, a belíssima oração que Maria Egipcíaca dirigiu a Nossa Senhora, representada no ícone colocado no átrio da Basílica da *Anástasis*¹⁴⁴, em Jerusalém:

«Sainte Vierge, qui donna sa chair à Dieu le Verbe, je sais, je sais qu'il est indécent qu'une femme aussi impure et vicieuse contemple ton icône, Vierge très Sainte et pure, à toi, qui a préservé ton corps et ton âme de toute impureté et de toute souillure. Vicieuse comme je le suis, je dois à juste titre inspirer la colère et la répulsion à ta pureté. Si, comme je l'ai entendu dire, Dieu, qui naquit de toi, s'est fait homme pour amener les

¹⁴² Catálogo da exposição *Paisaje interior*, Soria, Las Edades del Hombre, 2009, 415, cat. n.º 105, (comentário de Ana CASTRO SANTAMARÍA, 415-417).

¹⁴³ Cristina SOBRAL, *Santa Maria Egipcíaca em Alcobça* (tese Mestrado), ed. cit., 1991, 101 e 159, respectivamente.

¹⁴⁴ Conhecida no Ocidente como *Basílica do Santo Sepulcro*, que engloba a colina do Calvário e a Rotunda do Túmulo Vazio.

humains au repentir, viens en aide à une femme solitaire, qui ne peut attendre d'aide de personne. Ordonne que l'entrée de l'église me soit ouverte, ne me prive pas de la possibilité de contempler la Croix sur laquelle fut cloué en chair Dieu que tu mis au monde et sur laquelle il versa son Sang pour mon rachat. Ordonne que me soit rendue possible la sainte prosternation devant la Croix. Je t'invoque comme sûre garante devant Dieu, ton Fils, que je ne souillerai plus jamais ce corps par un accouplement honteux, mais, sitôt que j'aurai vu la Sainte Croix de ton Fils, je renoncerai au monde et à tout ce qu'il contient et me retirerai là où tu me l'ordonneras et me conduiras, Sainte Garante de mon salut».¹⁴⁵

Lembremos que Santa Maria Egipcíaca recebeu a Eucaristia como viático na Quinta-feira de Endoenças e morreu na Sexta-feira Santa. Se o nicho na parede, que a figura feminina tem à frente da cabeça, é o vestígio de um sacrário parietal, como Joaquim Inácio Caetano suspeita, então este seria mais um dado a corroborar a minha hipótese. Uma versão próxima dos textos encontrados nos manuscritos alcobacenses¹⁴⁶, mais longos que a legenda breve recolhida pelo Beato Jacobo de Vorágine O.P., pode muito bem ter sido do conhecimento dos cistercienses transmontanos e essa narrativa ter chegado ao encomendante dos frescos balsamanenses.

No conjunto afrescado que se conserva junto da cabeceira da igreja de Nossa Senhora de Balsamão, do lado o Evangelho (fig. 27), *S. João Baptista apondando o Cordeiro de Deus* seria, segundo esta hipótese, uma «figura de convite» sobre o sacrário, lembrando a comunhão que *Maria Egipcíaca* recebeu na igreja dedicada a esse santo nas margens do rio Jordão, antes de se adentrar no deserto, e o eremita ao lado do Precursor seria *São Zózimo*, que encontrou a Santa no deserto e lhe levou a sagrada comunhão, como viático.

Não posso deixar de referir aqui o fresco de Assis, na basílica inferior de S. Francisco, na capela de Santa Maria Madalena, o nº 5, em que é figurado o encontro de um eremita com uma santa mulher numa cova, identificada como Santa Maria Madalena, mas que mais lembra a vida de Santa Maria Egipcíaca.¹⁴⁷ Madalena é, pois, também uma forte candidata, mesmo que confundida com a Egipcíaca, tanto mais que ela foi objecto da pregação dos Mendicantes¹⁴⁸, como

¹⁴⁵ Trascreevo a tradução em francês do texto de S. Sofrónio de Jerusalém – <<http://www.pagesorthodoxes.net/saints/marie-egyptienne.htm#mir>>.

¹⁴⁶ Cristina (Maria Matias) SOBRAL, *Santa Maria Egipcíaca em Alcobaca: edição crítica das versões medievais portuguesas da lenda de Maria Egipcíaca*, Lisboa, [Colibri], 1991. Tese de mestrado em Literatura Portuguesa, apresentada ao Departamento de Literaturas Românicas, da Fac. de Letras da Univ. de Lisboa.

¹⁴⁷ <<http://www.glicrittiti.it/gallery2/v/assisigiottomaddalena/eremita.jpg.html>>

¹⁴⁸ Katherine Ludwig JANSEN, *The Making of the Magdalen: Preaching and Popular Devotion in the Later*

é o caso desta série na igreja inferior do Sacro Convento dos Franciscanos, em Assis. Além disso, os Frades Pregadores (Dominicanos) têm-na como padroeira da Santa Pregação e da Teologia, invocando-a nos seus textos litúrgicos próprios, à semelhança do que acontece na Igreja Oriental, como a «Apóstola dos Apóstolos». No *Milagre de Soriano*, ela acompanha Nossa Senhora, juntamente com Santa Catarina de Alexandria, padroeira da Filosofia e da Ciência Cristã. E na mentalidade popular ocidental as duas santas confundiram-se desde muito cedo.

Quanto à iconografia dos outros dois personagens (*S. João Baptista* e o *Eremita*), espero poder consagrar-me a eles mais pormenorizadamente num futuro artigo. Avanço no entanto aqui algumas hipóteses, por etarem relacionadas com a possível identificação da figura feminina.

Fr. António-José de Almeida, O.P.

Investigador de Pós-Doutoramento (Universidades de Estrasburgo e do Porto)
Bolseiro da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia
Investigador do CITCEM

Figuras



Fig. 1 - Igreja de Nossa Senhora de Balsamão, Chacim (Macedo de Cavaleiros),
Mulher deitada (foto Joaquim I. Caetano)



Santa Maria Egipcíaca

Fig. 2 - *Flos sanctorum Romançat*, Barcelona, Joan Rosenbach, 1 Fevereiro 1494, f. CXXVIII [sic, aliás 104] a.

Fig. 3 - *Leyenda de los Sanctos*, [Burgos, Juan de Burgos, c.1499], f. 74 c.

Fig. 4 - *Flos sanctorum em linguagem português*, Lisboa, Hermão de Campos & Roberto Rabelo, 15 Março 1513, f. 57 c.

Fig. 5 - Fr. Pedro de la VEGA, O.S.H., *Libro que es llamado vida de Jesu christo y de sus sanctos*, Sevilla, Juan Cromberger, 1540, f. 221 b.

Fig. 6 - Fr. Diogo do ROSÁRIO, O.P., *História... dos Santos*, Braga, António de Mariz, 1567, II, 168 c - "S. Hilarion."

Fig. 7 - *Leyenda de los Santos: que vulgarmente Flossanctorum llaman*, [Sevilla, Juan Varela de Salamanca, ca. 1520-1521], f. 57v.



8

La vida de sancta Maria egyptiaca.



9

Fig. 8 - Fr. Gonzalo de OCAÑA, O.S.H., *La vida y pasión de nuestro señor Jesu Cristo, y las historias de las festividades de su santissima madre con las de los santos apóstoles, mártires, confesores, y vírgines*, Zaragoza, Jorge Coci, 26 Abril 1516, [III], f. 168 v.

Fig. 9 - *Leyenda de los Santos: que vulgarmente Flos Sanctorum llaman*, Sevilla, Juan Gutierrez, 1568, f. 56 d.

Sta. Maria Madalena

Fig. 10 - *Flos sanctorum Romançat*, Barcelona, Joan Rosenbach, 1 Fev. 1494, CLXXIX [sic, aliás f. 157] a.

Fig. 11 - *Leyenda de los Santos*, [Burgos, Juan de Burgos, ca. 1499], f. 133 c.

Fig. 12 - *Flos sanctorum em linguagem português*, Lisboa, Hermão de Campos & Roberto Rabelo, 15 Março 1513, f. 103 a.

Fig. 13 - Fr. Pedro de la VEGA, O.S.H., *Libro que es llamado vida de Jesu christo y de sus sanctos*, Sevilla, Juan Cromberger, 1540, f. 303 d.

Fig. 14 - Fr. Pedro de la VEGA, O.S.H., *La vida de nuestro señor iesu cristo, y de su sanctissima madre, y de los otros sanctos, segun la orden de sus fiestas*, Zaragoza, George Coci Aleman, 1541, f. 288 r., est. dir. (reestampagem de *LdH*.Aug.1488, S., f. 72 r)



Fig. 15 - Fr. Pantaleão de AVEIRO, O.F.M., *Itinerario da Terra Sancta...* (Lisboa, [António Álvares], 1600, f. [XII] depois da 'taboadas'.

Fig. 16 - *Leyenda de los Santos: que vulgarmente Flos Sanctorum llaman*, Sevilla, Juan Gutierrez, 1568, f. 109 a.



Quatro Santos Coroados



17



18



19



20

Fig. 17 - *Flos sanctorum Romançat*, Barcelona, Joan Rosenbach, 1 Feb. 1494, f. CCLXXXVII [sic, aliás 265] a (reestampagem da xilogravura impressa na *Legenda aurea sanctorum*, Lyon, Mathias Huss, 20 Julho 1486, legenda 160).

Fig. 18 - *Leyenda de los Santos*, [Burgos, Juan de Burgos, ca. 1499], f. 208 d.

Fig. 19 - Fr. Pedro de la VEGA, O.S.H., *Libro que es llamado vida de Jesu christo y de sus sanctos*, Sevilla, Juan Cromberger, 1540, f. 462 a.

Fig. 20 - *Leyenda de los Santos: que vulgarmente Flossanctorum llaman*, [Sevilla, Juan Varela de Salamanca, ca. 1520-1521], f. 169v.

De un cauallero de
sumgera y de comofagros llamados los qua-
tro Coronados.



21

Comença la bystoria
de los quatro coronados.

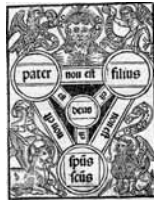


22

Fig. 21 - *Leyenda de los Sanctos: que vulgarmente Flos Sanctorum llaman. Agora de nueuo corregida...*, Toledo, Juan Ferrer, 1554, f. 165 b.

Fig. 22 - *Leyenda de los Sanctos: que vulgarmente Flos Sanctorum llaman*, Sevilla, Juan Gutiérrez, 1568, f. 173 b.

Santíssima Trindade trifacial



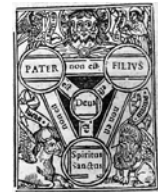
23a



23b



24



25



26

Fig. 23a - Andrés de ELI, *Tesoro de la Pasión*, Zaragoza, Paulo Hurus, 1494.

Fig. 23b - Fr. Gonzalo de OCAÑA, O.S.H., *La vida y pasión de nuestro señor Jesu Cristo, y las historias de las festividades de su santísima madre con las de los santos apóstoles, mártires, confesores, y vírgenes*, Zaragoza, Jorge Coci, 26 Abril 1516, [I], f. 90 a.

Fig. 24 - Fr. Pedro de la VEGA, O.S.H., *Libro que es llamado vida de Jesu christo y de sus sanctos*, Sevilla, Juan Cromberger, 1540, f. 134 a.

Fig. 25 - Alonso de VILLEGAS, *Flos Sanctorum*, 1ª Parte, Zaragoza, Simon de Portinariis, 1585, f. 53 d.

Fig. 26 - Fr. Pedro de la VEGA, O.S.H., *Flos Sanctorum*, Zaragoza, Bartolomé de Nágera, 1548, f. 127 a.



27

Fig. 27 - Balsamão, Chacim (Macedo de Cavaleiros),
Visão geral da zona afrescada sobrevivente
(foto Joaquim I. Caetano)

ABSTRACT:

The attempt to identify a recumbent, half-naked female figure, which was recently discovered in a wall painting in the Church of Our Lady of Balsamão, in Chacim (Macedo de Cavaleiros, Trás-os-Montes), prompted the author of this paper to investigate the lives and illustrations of penitent naked female saints on Legendaries printed in Europe during the 15th and 16th centuries, with particular reference to the Iberian Peninsula, and specifically to the *Flos Sanctorum em lingoagem portugues*, printed in Lisbon at 1513. In them there are two kinds of naked female saints linked with penitential forms of life: those that lived in desert or uninhabited places (such as Saint Mary of Egypt or Saint Mary Magdalene), but also those that had went on pilgrimage (the three women of the Iberian legend of the Four Crowned Saints). In connection with his current subject of research, the author takes this opportunity of publishing also the results of his recent research in the field of prints illustrating the trifacial Holy Trinity holding the *scutum fidei*, and surrounded by the Evangelical tetramorph.